

HE
VE
LE
Y
N



M.
Júnior

HEVELYN

M. Júnior



Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa do autor (art. 184 do Código Penal e Lei no 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

Revisão: Luzinete da Silva Mussi

Editoração / Capa: Léo Ricardo Mussi

Mussi, Lúcio Júnior.

Hevelyn. Lúcio Mussi Júnior. 1 ed. – Sinop-MT: Instituto Saber de Ciências Integradas, 2017.

158 p.

ISBN 978-85-68669-05-1

1. Literatura brasileira romance I. Título.

CDD – 869.3

Agradeço a Deus que emana sobre nós sua Divina Luz, inspirando todos que buscam o bem. Agradeço também aos meus pais e meus irmãos, em especial minha mãe Luzinete e meu irmão Léo, que participaram ativamente da criação desta obra.

Sumário

Capítulo 01	7
Capítulo 02	20
Capítulo 03	30
Capítulo 04	38
Capítulo 05	50
Capítulo 06	57
Capítulo 07	69
Capítulo 08	79
Capítulo 09	93
Capítulo 10	102
Capítulo 11	111
Capítulo 12	115
Capítulo 13	123
Capítulo 14	134
Capítulo 15	137

Capítulo 16 -----144
Capítulo 17 -----148

CAPÍTULO 01

Passava um pouco das vinte e trinta quando Reinaldo chegou à portaria do quartel. Seu pai, o Capitão Fontes acabara de ser transferido para a cidade.

– Boa noite. – Falou o garoto ao soldado da portaria. – Sou filho do Capitão Fontes, moro no bloco H, apartamento 6.

– Entendido. – Disse o soldado preparando-se para dizer mais alguma coisa.

A vila militar daquele quartel era composta por pequenos prédios de três pisos contendo dois apartamentos por piso dando um total de seis apartamentos por bloco. Estes pequenos prédios não possuem elevados. Por esse motivo os andares mais baixos eram mais procurados. Reinaldo adorou o fato de só ter apartamento vago no terceiro piso. Já o Capitão estava completamente indignado com quatro

lances de escadas separando a rua da porta de sua casa. Sem falar no fato de não poder levar consigo seu fiel escudeiro Pancho. Ele era um dobermann, talvez o único dobermann gordo da história canina. Pior que a obesidade era o fato do animal conseguir ser tão chato e sistemático quanto seu dono. O bicho era bravo, implicante, cheio de manias e só obedecia ao Capitão Fontes. Com a mudança para o apartamento ele ganhou uma passagem só de ida para a chácara de um amigo da família, para infelicidade do Capitão, do animal e por que não dizer do amigo, que agora cuida de Pancho.

O soldado da portaria continuava seu diálogo com o garoto. – Seu pai saiu a serviço. Mandou que você tome banho, jante e vá dormir. Se tiver algum problema pode interfonar e alguém irá imediatamente até você. São ordens do Capitão. – Completou.

– Mas será que ele demora? – Indagava o garoto.

– Olha meu jovem. – Respondia o soldado com uma paciência incalculável. – Isso é tudo. Tudo que o Capitão me explicou.

– Não está certo. – Reclamava o garoto. – Por que ele me trouxe? Por que não me deixou com a minha mãe?

– Calma meu jovem. A vida é assim mesmo. – Explicou o soldado. – Nem sempre fazemos tudo que queremos fazer e muitas vezes temos que fazer coisas que não queremos.

O garoto discordou de maneira enérgica. – Ele sabia que não teria tempo pra mim e mesmo assim resolveu deixar a minha irmã com a minha mãe e me trazer pra cá. Isso não está certo.

Olha garoto. – Começou o soldado. – Seu pai é meu superior aqui. Deste modo, tudo que posso dizer é que se ele tomou uma decisão, deve ter motivos que a justifique. E do mais, boa noite.

Reinaldo entendeu que era fim da conversa. Despediu-se e partiu rumo ao bloco.

Poucos instantes de caminhada e já chegava ao prédio. Ainda estava completamente transtornado. – Ele não pode decidir sobre a vida dos outros como se fossem animais de estimação. – Falou para si mesmo em uma tentativa estranha de aliviar seus sentimentos.

– Certa vez um sábio me disse que sempre estamos onde devemos estar. – Falava uma voz já um pouco rouca e cansada vinda do interior do pequeno prédio que estranhamente estava escuro.

Reinaldo ficou imóvel. Começou a pensar besteiras. – Quem estaria ali falando isso? E por que esta pessoa teria desligado a lâmpada que ilumina o how de entrada?

Pensou em voltar correndo para a portaria e pedir a um soldado que o acompanhasse. Mas as pernas o traíram. Estava imóvel, como quem viu um fantasma. Ou melhor, como quem ouviu um deles.

Aqueles pequenos prédios eram posicionados com a parte frontal virada para a rua principal. Haviam prédios dos dois lados da rua e de costas para estes haviam outros cuja frente voltava-se para a outra rua. Uma grande porta de vidro, protegida por uma marquise, dava passagem para um how onde ficavam as portas para os apartamentos térreos, uma à direita e outra à esquerda. Ao fundo a escada para o andar de cima onde a configuração era a mesma com a escada para o último piso. Nas laterais, vagas cobertas para os automóveis, nas paredes da frente e do fundo as janelas dos apartamentos. Não havia muros ou cercas separando os blocos. Apenas grama bem tratada e sempre aparada, unindo as construções.

O garoto, ainda paralisado, tentava ao menos gritar por ajuda. Era normal que as lâmpadas do how e das escadas estivessem apagadas, mas elas deveriam acender assim que os sensores captassem movimento.

Antes que Reinaldo tivesse alguma reação, as luzes se acenderam. Respirou aliviado ao avistar o senhor Antônio. Ele é uma espécie de zelador da vila militar.

– Boa noite meu jovem. – Falou o velho com ar fraternal. – Não importa onde estamos. Sempre estaremos no lugar onde devemos estar. Sempre prontos para aprender e ensinar. Ajudar ou ser ajudado. Assim é a vida, pequeno soldado.

– O senhor me assustou. – Falou o garoto um pouco chateado.

– A lâmpada queimou e vim substituir. – Respondeu o zelador.

– Eu não sou soldado. – Retrucou, ainda, o garoto.

– Todos somos, pequeno Reinaldo. A vida é uma batalha da qual só sairemos mortos. – Explicava o velho enquanto saía do prédio. Reinaldo observava

apático o zelador indo embora ainda resmungando algo que não dava para entender.

– Não acredito – pensava o garoto – até filósofo maluco tem nesse quartel.

Depois do susto e da aula gratuita de filosofia, Reinaldo nem se lembrava mais do pai e suas decisões arbitrárias.

– Estamos onde devemos estar. – Repetiu enquanto começava subir a escada.

Enquanto subia, pensava nas coisas que o velho havia falado. Ao iniciar o último lance de escada deparou se com algo inusitado. O susto fez com que parasse por alguns instantes. Tentou se recompor antes que ela percebesse. Mas a garota parecia indiferente a tudo. Estava lá, sentada no último degrau da escada olhando para os próprios pés e pensando concentrada. Reinaldo a percebeu como um sol triste. Ele parou e ficou observando sua beleza. Ela era completamente encantadora, ao menos para ele,

parecia brilhar como um diamante lapidado exposto à luz solar, mas ao mesmo tempo parecia triste, muito triste. A garota aparentava uns quinze ou dezesseis anos. Usava um short jeans, tênis pretos, meias rosa e uma blusinha branca. Seus cabelos eram loiros e levemente ondulados. A cabeça abaixada não permitia que seus olhos fossem vistos.

Após observar por algum tempo, o garoto resolveu se aproximar. Subiu os degraus até ficar bem perto e, mesmo um pouco receoso, falou com a menina.

– Boa noite. Por que você está tão triste? – Perguntou meio sem jeito.

– Você está me vendo? Perguntou a garota um tanto assustada.

– Por quê? – Perguntava Reinaldo bastante confuso com a atitude da garota. – As outras pessoas não te veem.

A menina balançou a cabeça em um gesto de reprovação falando: – Não seja bobo menino, claro que

as pessoas me veem. É que quando você está triste a maioria das pessoas parece não enxergar você. E os poucos que enxergam acabam querendo se aproveitar de seu momento de fraqueza.

– Mas eu não quero aproveitar sua fragilidade. – Explicava o garoto. – Só quero conversar um pouco.

– Isso eu sei. – Falou a garota.

O menino não gostou da resposta. – O que você quis dizer com "isso eu sei". Então eu não sou bom o bastante para querer mais do que conversar com você?

A garota riu. – Não é isso. Quando eu me concentro posso ver a aura das pessoas e saber o que elas estão sentindo.

– Meu pai falou que não existe alma. – Explicava o garoto. – Ele disse que quando a gente morre acabou.

– A morte não é o fim. – Falava a garota com serenidade. – Mas eu não falei alma, eu disse aura. É como se fossem luzes coloridas envolvendo as pessoas.

– Não sei não. – Falou o garoto desconfiado. – Você está me fazendo de bobo. Eu nunca vi nada disso.

– Eu também não via. Mas depois de um acidente que sofri – Falou com ar melancólico. – Passei a ver. E pelas cores e tons dá pra imaginar o que as pessoas estão sentindo ou querendo. Por isso eu sei que você é uma boa pessoa e, ao menos por agora, só quer conversar comigo.

O menino, enfim, sentou-se ao lado da garota. – Eu achei muito esquisito tudo isso que você falou. Se isso existisse, por que alguns veriam e outros não? Isso seria uma injustiça de Deus. Não acha?

– Talvez todos possam ver, mas como não acreditam não veem. – Opinou a menina.

– Então tá bom. – Aceitava o garoto com ar de incredulidade. – Agora eu acredito. Vou olhar pra você e ver a sua aura.

A garota ria enquanto Reinaldo a olhava com os olhos arregalados e uma expressão estranha.

– Viu. Eu acreditei e mesmo assim não deu certo. – Falou o garoto.

– Não é assim. – Começou a garota tentando parar de rir. – Dizer que acredita não é acreditar. Quando a gente acredita é de corpo e alma, é preciso estar mesmo convencido e não apenas testando alguma coisa.

– Alma não existe. – Falou Reinaldo.

– Você é muito cético e materialista. – Reclamou a garota. – Mas não tem problema, foi bom te conhecer. Você foi a única pessoa que me deu atenção de verdade nos últimos tempos.

- Também te achei legal. O problema é que você fala muito de coisas que não existem. - Falou Reinaldo.

- Não se preocupe. - Falou a garota demonstrando empolgação. - Vou te convencer de que elas existem.

Nesse momento o Capitão apareceu na escada. Com o corpo todo rígido. Pisando exageradamente forte. Assim que viu o filho já gritou: - Eu mandei tomar banho, jantar e dormir. Por que não obedeceu?

Quando acabou a pergunta já havia passado pelo garoto e estava chegando na porta do apartamento. Destrancou, abriu e entrou. Não esperou resposta ou explicação. Reinaldo sabia o tamanho da enrascada em que estava.

- Meu nome é Reinaldo. - Falou enquanto levantava. - E o seu?

- Hevelyn.

- Tchou Hevelyn. Amanhã a gente conversa.
- Falou o garoto enquanto corria para o apartamento.

CAPÍTULO 02

Pra sorte de Reinaldo o Capitão não queria conversa.

– Mecha-se garoto. – Gritava bravamente. – Tome seu banho, jante e vá para cama.

Após despejar estas palavras sobre o filho, foi para sua suíte aproveitar o tempo que restava antes que o sol e as cornetas o chamassem para um novo dia.

Na manhã seguinte Reinaldo cumpriu o protocolo. Acordou as seis em ponto. Seu pai tomava o café da manhã, pão recheado com um pouco de tudo que havia na geladeira e uma tinta preta e sem açúcar que ele insistia em chamar de café.

– Pai. Falou o menino ao se aproximar.

– Seja breve garoto. – Respondeu o patriarca.

– Eu poderia comer com você e depois tomo banho, aí nem você nem eu teremos que comer sozinhos.

– Em primeiro lugar, garoto. – Começou o Capitão. – Se a sua mãe está contaminada por essa onda podre que chamam de modernidade, saiba que eu sou das antigas e exijo respeito. Ou já viu alguém de patente inferior me chamando de você? Outra coisa. – Continuava. – O protocolo foi passado a você no primeiro dia. De segunda a sábado levante mais tardar as seis, tome banho, se vista adequadamente e tome café. O domingo é seu, faça o que quiser dele. E caso queira tomar café comigo, levante mais cedo.

– Sim senhor. – Respondeu o garoto indo para o banho.

Sua escola ficava ali mesmo no quartel. Era a Escola Militar da cidade, voltada principalmente para atender os filhos dos militares. O prédio era relativamente novo, amplo, bem estruturado. O pavilhão com as salas de aula foi projetado com dois pisos, na forma de um retângulo com o pátio no centro. Além disso, a escola contava com piscina olímpica,

quadras poliesportivas e até área verde. Era chamado de Colégio Militar Duque de Caxias, em homenagem a bravura, astúcia e capacidade de negociação deste grande militar brasileiro.

Reinaldo simplesmente detestava a escola, seu regimento, o método de ensino, seus professores, enfim, tudo que havia ali.

Após o banho colocou o uniforme que classificava como ridículo. Comeu, acabou de se arrumar e saiu. Apenas dez minutos de caminhada o separavam do colégio. Mas o atraso era punido tão severamente naquela instituição que ele sempre chegava cinco minutos antes.

– Odeio essa escola. Odeio esse quartel. Odeio essa gente que acha que suas patentes os transformam em deuses. – Falava o garoto mastigando nervosamente um pedaço de pão.

Reinando acabara de fazer 14 anos. Nesta fase as especulações sobre a faculdade tornam-se

comuns e vão aumentando até que o estudante comesse de fato seu curso superior. As pessoas começam a questionar sobre o curso escolhido e caso a escolha ainda não tenha sido feita, alguns se indignam. – Você está a um passo da faculdade e nem pensou no que vai fazer? – Falam alguns como se a escolha fosse fácil ou urgente. Outros preferem dar palpites. Mostrar pontos negativos de profissões das quais não gostam e superlativar suas áreas preferidas.

Já para o Capitão seu filho deveria ser engenheiro e seguir carreira militar. – Os engenheiros são muito importantes para o exército. – Dizia. Mas se não fosse engenheiro poderia ser médico. Desde que fosse militar e servisse nossa pátria.

– Nunca vou ser militar. – Resmungou o garoto entrando na escola.

Os filhos ocupam a posição ideal para assimilar boa parte dos fatores negativos e positivos das carreiras de seus pais. Eles estão perto o bastante

para perceber se o pai, ou a mãe, chegou do serviço feliz, triste ou estressado. Eles sofrem o impacto caso o dinheiro seja insuficiente ou o tempo livre seja escasso. E por outro lado, um filho está distante o bastante para não se envolver com as atividades a ponto de se iludir com elas. Ele pode analisar a vida de seus pais e ponderar se quer algo parecido para seu futuro.

Claro que não se pode julgar uma profissão pelo sucesso, ou não, de um único profissional. Mas uma criança terá em seus pais o único referencial para julgar suas profissões.

Reinaldo detestava a figura de militar que seu pai apresentava a sua família. Sempre foi sistemático, excessivamente autoritário, controlador e acreditava que sua vontade deveria ser cumprida como se fosse lei.

– Assim que puder sumo deste maldito quartel. – Pensou o garoto enquanto tomava seu lugar na fila.

Todos os dias pontualmente às sete horas os portões da escola eram fechados. Os estudantes, nesse momento, já ocupavam seus lugares determinados nas filas de suas respectivas turmas. Estas filas eram formadas no pátio de frente para um pequeno palco localizado ao lado oposto da entrada. Ao lado do palco havia um mastro no qual a bandeira do Brasil era hasteada enquanto os alunos cantavam o Hino Nacional.

Os inspetores de pátio e os professores ficavam atentos para garantir que todos estivessem com a postura adequada e cantando o Hino em alto e bom tom. Quem estivesse fora dos padrões era convidado a ficar no pátio sob a tutela dos inspetores para aprender a maneira correta de cantar o Hino de nossa pátria.

Reinaldo sabia o quanto isto era desagradável, deste modo cumpria seu papel rigorosamente.

Ele acreditava que quanto menos chamasse a atenção mais tolerável seria sua estada naquele lugar. Deste modo cumpria seu papel bem o suficiente para não ser repreendido, mas nunca bem o suficiente para se destacar da massa.

– Por que as decisões de algumas pessoas têm que impactar tanto na vida de outras? – Resmungou o garoto quase no final da aula.

Onze e trinta. Pontualmente neste horário o sinal tocava. Era o fim de mais uma manhã de aula. Para infelicidade geral dos alunos todas as segundas e quartas também tinham aulas no período da tarde.

Como era segunda-feira, Reinaldo tinha uma hora e meia para chegar em casa, tomar banho, almoçar, se arrumar e voltar para mais uma sessão de tortura, como costumava definir as aulas.

O Capitão ficava transtornado com esta expressão. – Hoje em dia nem prisioneiros são

torturados e você fica com essa conversa idiota. – Falava indignado.

Reinaldo chegou à casa e seu pai não estava. Era comum o afazer profissional afastá-lo de almoços e jantares em casa. Não demorou para chegar uma mensagem no celular do garoto. – Não almoço em casa hoje. Tem comida na geladeira, aqueça no micro-ondas e não chegue atrasado à escola. Capitão Fontes.

– Caramba! – Exclamou o garoto. – Pra mim ele deveria ser o meu pai, não o Capitão Fontes.

Mas não adiantava, ele era o Capitão Fontes em tempo integral e para todas as pessoas. Ha quem diga que ele chegou ao absurdo de ligar para a própria mãe e dizer: – Sua bênção mãe. Aqui é o Capitão Fontes.

Embora não existam provas concretas desta façanha, é inegável que a partir do dia em que José Antônio Fontes entrou, por assim dizer, no personagem Capitão Fontes ele jamais saiu. Talvez por

isso perdera a esposa. Não é fácil conviver com o fanatismo e o exagero, sejam eles de qualquer natureza.

O fato é que Reinaldo novamente faria sua refeição sozinho e mais uma vez o garoto se perguntava. – Por que um pai tira um filho da companhia da mãe e da irmã para deixá-lo sozinho? Por que o sentimento de poder tem que se sobrepor ao amor e ao bom senso?

Mas se não tinha companhia, nem tampouco respostas às suas indagações. Ao menos havia alimento para saciar o estômago.

Montou seu prato, alguns instantes de micro-ondas e pronto. O garoto sentou-se à mesa comendo com a satisfação de quem pode comer quando tem fome. E por alguns instantes pode esquecer-se de todo o resto.

No período vespertino as aulas começavam às 13 horas e iam até às 17:30. Nesta hora o sinal

tocava e os alunos, rápida e silenciosamente formavam filas no pátio para novamente cantar o Hino Nacional e, desta vez, arriar a bandeira.

Reinaldo, como sempre, achava tudo aquilo desnecessário e enfadonho.

Para melhorar a procedimento, o aluno selecionado para arriar a bandeira não seguiu o procedimento adequado. Deste modo, tudo foi repetido até estar perfeito.

Por conta do fato, Reinaldo chegou em casa depois das seis e para surpresa, ver que seu pai já estava lá. – Ao menos para essa refeição terei companhia. – Pensou o garoto.

Durante o jantar Reinaldo contou que conhecera Hevelyn e que ela morava no apartamento em frente.

– Você ficou maluco. – Gritava o Capitão. – Esse povo é estranho e inconveniente. Eu não quero filho meu metido com essa gente!

CAPÍTULO 03

A segunda-feira chegou novamente. Reinaldo odiava as segundas, acredito que a maioria das pessoas compartilha este mesmo sentimento.

Nas segundas, além das aulas cedo e de tarde ainda tinha inglês à noite. Simplesmente um dia inteiro de tortura, do início ao fim. Passar o dia no colégio era insuportável, principalmente naquele colégio. As aulas de inglês à noite não eram tão ruins, mas também estavam longe de ser algo divertido.

O fim de semana também não foi assim o que Reinaldo classificaria como legal. No sábado à tarde seu pai o arrastou para uma reunião de condomínio. Reuniões sempre são entediadas para quem não tem interesse pelos assuntos tratados. Era justamente esse o caso de Reinaldo, ele não queria saber se o Cabo Oliveira infringiu as normas e tem um gato em seu apartamento ou se os filhos do Comandante Freitas

fazem muito barulho e perturbam a vizinhança e nem tampouco se alguém está ocupando a vaga do outro na garagem. O garoto queria apenas fazer algo divertido no fim de semana e deixar os problemas para quem gosta deles. Já para o Capitão aquele era não apenas um programa em família como também uma excelente oportunidade para mostrar ao filho a maneira como pessoas civilizadas resolvem seus problemas. A controvérsia é que os problemas ali não estavam sendo solucionados. Muito pelo contrário, o desentendimento parecia uma nuvem negra se espalhando pelo recinto e, no final, alguns se valiam de suas altas patentes para por um fim na confusão finalizando a reunião, muitas vezes sem solucionar de fato as questões pautadas.

No domingo o Capitão foi acompanhar o treinamento de uma tropa na floresta e o garoto passou o dia sozinho no apartamento.

– Por que me trouxe aqui pra me deixar sozinho? – Perguntava-se Reinaldo cada vez mais angustiado.

De qualquer forma, o tempo não quer saber se você foi feliz ou triste, ele simplesmente segue seu curso frio e indiferente.

Reinaldo abriu seus olhos e o sol da manhã anunciava o novo dia. Ainda na cama pesou em quão complicadas eram suas segundas-feiras. Aturar um dia inteiro naquele colégio e ainda ir para o inglês de noite. Foi nesse instante que se lembrou de Hevelyn. Fazia exatamente uma semana que a conhecera e não a via desde então.

– Ela é meio doida, mas é legal. – Pensou o garoto. – Ao menos é alguém que não usa fardas e tem quase a minha idade.

– Levanta soldado. – Gritava o Capitão enquanto batia forte e freneticamente na porta do

quarto do filho. – Estou saindo, soldado. Nem pense em se atrasar para a aula.

– Não sou soldado. – Resmungou o garoto.

– Todos somos, filho. – Falava indignado o Capitão. – Levante e enfrente sua batalha que eu vou enfrentar a minha. Devo voltar para o almoço.

Nem bem acabou de falar e já partiu. Reinaldo levantou imediatamente. Sabia que atrasos ali costumavam custar muito caro.

– Nunca serei um soldado. – Gritou o garoto entrando no banho.

Tudo que o Capitão Fontes mais desejava em sua vida era ver seu filho na carreira militar, mas tudo que conseguiu neste sentido foi criar no garoto uma aversão tão grande pelas forças armadas que ele estava procurando a profissão que o deixasse o mais longe possível dos militares.

Como esperado, o Capitão não voltou para o almoço. Mandou uma mensagem de celular avisando.

Reinaldo voltou da escola “animado” como sempre. Feliz por ter acabado mais uma aula e triste por saber que deveria voltar de tarde.

Subiu as escadas desertas que o conduziram ao apartamento. Ainda na porta pensou em Hevelyn. O que teria ocorrido para ela desaparecer assim. Uma semana inteira e nem sinal dela. Reinaldo olhou mais uma vez para o corredor e para as escadas na esperança de vê-la chegando. Sem sucesso, entrou em casa e foi para a cozinha almoçar.

Pegou a comida na geladeira e aqueceu no micro-ondas como de costume. Judite, a diarista, vinha nas manhãs de segunda, quarta e sexta. Organizava-se para lavar e passar as roupas que nunca eram muitas, limpar o apartamento que quase não era sujado e preparar alguma comida e deixar na geladeira. Se faltassem alimentos cozidos o Capitão mesmo cozinhava. Nunca se importou em pilotar o fogão, ao contrario, até gostava de cozinhar de vez em quando.

Na mesa o garoto comia enquanto pensava novamente em Hevelyn. – Será que vou vê-la novamente? – Perguntava ansioso para conversar com alguém que não usasse farda e não batesse continência ao Capitão Fontes. Lembrou-se das teorias malucas sobre as quais a garota falou. – Como alguém pode ver energia colorida em outra pessoa e saber suas intenções baseando-se nessas cores. – Para ele nada daquilo fazia sentido. Se existisse todos deveriam enxergar e não apenas um seleto grupo de escolhidos.

Já estava quase acabando o almoço quando ouviu barulhos na escada. Correu até a porta e abriu ansioso. – Pode ser a Hevelyn. – Pensou entusiasmado.

Pode ver apenas as costas de um homem fardado acabando de entrar no apartamento e batendo a porta sem ao menos olhar pra traz.

– Eu poderia bater na porta e perguntar por Hevelyn. – Pensou o garoto. Mas a coragem o abandonou antes que saísse do lugar.

Voltou para seu almoço que agora estava frio, acabou de comer assim mesmo e começou a se arrumar para a aula da tarde ou a segunda sessão de tortura, como costumava chamar.

Na escola, a tarde foi monótona como esperado. Alguns colegas de sala já falavam em faculdade e boa parte deles pensava em carreira militar. Reinaldo se sentia como uma ilha civil cercada de militares por todos os lados.

Ao fim da aula o garoto apressou-se em ir pra casa. Embora sempre tivesse pressa em sair da escola, nas tardes de segunda havia uma necessidade real de se apressar. Era preciso tomar banho, jantar e se arrumar para a aula de inglês que começava as sete.

Uma hora e meia parece bastante tempo, mas sair da escola as dezessete e trinta para ir a pé até o apartamento se arrumar, se alimentar e ir também a pé até a escola de Inglês não chega a ser uma tarefa fácil.

Ao chegar em casa, Reinaldo ainda precisou improvisar algo para comer. Seu pai não estava, a diarista faltou por motivos de saúde e não havia nada pronto na geladeira.

Achou uns pães que haviam sobrado de cedo. Colocou no meio deles tudo que achou na geladeira, esquentou no micro-ondas e comeu.

Após a refeição sobrou tempo apenas para os rituais de higiene pessoal antes de sair correndo para o Inglês.

CAPÍTULO 04

A noite desta segunda-feira parecia mais uma repetição da segunda anterior. Reinaldo saiu da escola de idiomas, caminhou pela rua quase deserta até o quartel.

Na portaria o mesmo soldado da outra semana.

– Boa noite meu jovem! – Falou o soldado bastante atencioso.

– Boa noite! – Respondeu o garoto. – Aposto que meu pai não está em casa.

– Afirmativo! Respondia o soldado. – O Capitão Fontes acompanha a tropa que vai passar a noite em treinamento na mata. Só retorna amanhã cedo.

– É sempre assim. – Protesta o garoto. – Mas tá bom. Nem sei mesmo se é pior a ausência ou a presença dele.

Reinaldo falou e não esperou resposta. Já foi entrando sem olhar mais para o soldado. Já aprendera que um militar não questiona e muito menos crítica um superior.

Alguns instantes e já subia as escadas do pequeno prédio onde morava. Ainda irritado com o pai e com todos os militares dos quais conseguia se lembrar. Pisava nos degraus como se eles também fossem culpados pelas decisões do Capitão enquanto resmungava frases de desaprovação.

– Boa noite. Você demorou bastante hoje.

O garoto olhou imediatamente para a direção da qual vinha a voz. Era Hevelyn. Sentada no último degrau da escada como na semana anterior. Usava a mesmas roupas e seus cabelos estavam arrumados do mesmo jeito, mas desta vez ela parecia menos triste.

– Boa noite. – Falou Reinaldo meio sem graça. – Você estava sumida. Completou enquanto subia o restante da escada em direção à garota.

– Essa semana foi meio estranha pra mim. – Explicou a jovem. – Mas sente-se aqui comigo, vamos conversar um pouco.

Reinaldo sentou-se no degrau da escada ao lado da garota. – Você está mais bonita hoje.

– São seus olhos. – Respondeu Hevelyn, rindo. – Estou como estava no outro dia.

Reinaldo sorriu. – Você está menos triste e seus olhos tem mais brilho hoje.

A garota agradeceu. – Acho que conversar com alguém diferente está me fazendo bem. – Falou.

– Pra mim também. – Concordou o garoto. – Não sei por que meu pai me arrastou pra esse lugar. Odeio esse quartel e odeio cada pessoa fardada que eu vejo aqui dentro.

– E se os seus pais reatassem? – Perguntou a garota.

Reinaldo fez um gesto de desaprovação com a cabeça. – Eles não vão reatar. Nem sei por que se casaram e muito menos como passaram tanto tempo juntos.

– Mas seu pai ainda gosta da sua mãe e ela também gosta dele. – Falou a garota.

– E você é a feliz proprietária de uma bola de cristal. – Retrucou o garoto. – O Capitão não gosta nem dele mesmo.

A garota riu. – Você nervoso fica engraçado. Mas eu pude ver seu pai falando com sua mãe no telefone e as cores que a aura dele irradiou indicam sentimentos de ternura e amor.

– Lá vem você com essa história de cores de novo. – Falou Reinaldo. – O Capitão Fontes não possui sentimentos. E no lugar do coração ele só tem medalhas. É um excelente militar, mas nunca será um

ser humano. E tem mais, acredito que nunca tenha sido um.

Reinaldo acabou a frase bastante transtornado. Não sabia como lidar com sua situação familiar e isso o desestruturava.

Hevelyn fez um movimento com seu braço direito como se fosse afaga-lo, mas desistiu no meio do caminho.

– As pessoas se esquecem das coisas que realmente importam e vivem valorizando ilusões. – Falou a garota com voz suave e triste. – As pessoas não enxergam que tudo acaba um dia e cultivam valores deturpados e os transmitem aos seus filhos que acabam vivendo da mesma maneira vazia.

Quando a garota terminou a frase já estava quase chorando. Parecia tão envolvida emocionalmente com a narrativa que era como se contasse sua própria história.

Reinaldo coçou a cabeça com cara de quem não entendeu nada. – Como assim – Perguntou.

– Você já parou pra pensar que deve dar mais valor às coisas que poderá levar com você quando partir deste planeta. – Começou a garota. – Ninguém vai ficar aqui para sempre e quando partirmos só levaremos o que estiver no coração.

– Você tá brincando comigo. – Retrucou o garoto. A única forma de partir deste planeta é morrendo e quando a gente morre acaba.

– Sim. – Concordou a garota. – É preciso morrer para partir. E não. – Fez uma pequena pausa estratégica. – A morte não é o fim.

– Você já parou para pensar. – Continuava a menina. – Que a única certeza que se tem sobre um ser vivo é a de que um dia ele vai morrer?

– Que visão mais depressiva do mundo. – Falou o menino.

- Não é depressiva, querido. - Explicava Hevelyn - É realista. Um ser pode nem sequer nascer, mas o fato de ter vida implica que morrerá um dia.

O garoto já estava assustado com aquela teoria. - Vamos mudar de assunto. - Propôs ansioso.

Hevelyn olhou para ele com certa tristeza dizendo. - Você já pensou que um dia vai morrer também. E que nesse dia você pode lembrar-se da sua vida e perceber que as únicas coisas que importaram de fato em tudo que viveu foram as coisas que você sentiu e o que fez os outros sentirem. E que as outras coisas por mais que parecessem solidas podem não significar nada agora. Foram apenas ferramentas para sentir e fazer sentir.

- Você está bem? - Perguntava o garoto ainda mais assustado.

- Então você vai perceber. - Continuava a garota como se nem o escutasse. - Que tudo que lhe restou são seus sentimentos e os sentimentos que

algumas pessoas têm por você. É tudo isso e só isso que poderá levar dessa jornada chamada de vida.

– Hevelyn! – Exclamou o garoto. – Pare com isso. Você fala como se já estivesse morta!

A garota sorriu e continuou. – Não é questão de estar viva ou morta. O “x” da questão é perceber o que realmente importa nessa vida e o que é ilusão.

– Reinaldo, já chegando ao seu limite, falou. – Entendi. De acordo com sua teoria nós estamos sentados nos degraus de uma grande ilusão coletiva.

A garota balançou a cabeça desapontada. – Não se trata disso menino. Já que falou deste prédio, então vamos lá. Quando alguém compra ou aluga uma casa não é o bem material que vai fazer diferença em sua vida, mas sim os fatores abstratos que acompanham, como o conforto e a segurança que a família terá na moradia ou os bons momentos que passarão ali dentro. Sentimentos, isso que vai perdurar quando as pessoas envolvidas estiverem em uma

realidade de vida onde aquela casa não tenha mais sentido.

– Por isso que eu te falo. – Continuava a garota. – Por mais duradouros que os bens materiais pareçam ser, eles vão perder o seu sentido um dia e só vão restar os sentimentos envolvidos.

Reinaldo olhava para Hevelyn como se visse um fantasma.

– O que foi menino? – Perguntou a garota.

– Você é completamente louca. – Falou o garoto.

– Talvez eu seja. – Respondeu Hevelyn. – Mas eu acredito nisso. E a loucura muitas vezes depende apenas da opinião das pessoas e nesse caso, pra mim, quem está louco é você.

Reinaldo estava confuso. Mantinha-se firme em sua opinião e seus valores. Desacreditava de praticamente tudo que aquela garota falava. Mas apesar de tudo entendeu que o fato de terem opiniões

contraditórias não dava a razão absoluta a nenhum deles. E do mesmo modo que um ou outro poderia estar certo, os dois poderiam estar errados. O pior de tudo era a inexistência de um poder moderador com autoridade para determinar quem estava com a razão.

Nesse momento Reinaldo descobriu a subjetividade que envolve alguns conceitos aparentemente sólidos.

– E se Hevelyn estiver certa? – Pensou o garoto.

– Oi, menino! – A voz da garota o despertou.

– Você está bem? – Perguntou ela.

– Sim. – Respondeu o garoto. – Deve ser o sono.

– Sabe Reinaldo. – Continuou a garota. – Quando eu era bem pequena meus pais me deram uma bonequinha de tecido. Eu brincava muito com ela e por bastante tempo dormi abraçada com aquela bonequinha. Ela não está mais comigo, mas aquela

felicidade que eu senti ainda está aqui e não tem relação como o valor pago no brinquedo ou o quão simples ou luxuoso era. E tenho certeza que este sentimento está com meus pais também.

Reinaldo sorriu. – Acho que eu te entendo. Discordo da maior parte de suas teorias, mas ainda assim eu te entendo e gosto de falar contigo.

– Também discordo de você. – Falou Hevelyn.
– Mas ainda assim você é um bom amigo.

O garoto sorriu. – Eu acho que preciso dormir. – Falou.

– É. Parece que o seu dia foi bem cheio. – Disse a garota.

– Foi mesmo. – Respondeu Reinaldo. – Nos vemos amanhã?

Hevelyn sorriu enquanto se levantava. – Vou fazer o possível. Mas por hora, boa noite!

– Boa noite! – Falou o garoto se levantando e indo em direção à porta de seu apartamento.

Destrancou a fechadura, olhou para traz. Hevelyn aproximava-se lentamente do apartamento dela.

– Vê se não some de novo. – Falou o garoto.

– Tá bom. – Respondeu a menina sorrindo.

CAPÍTULO 05

O garoto tomou banho e foi direto pra cama. O sono e o cansaço o impediam de sentir fome.

Deitado, ainda se lembra de Hevelyn antes de pegar no sono. Seu sorriso era tão meigo que fascinava e trazia doses tão bem dimensionadas de tristeza, alegria e mistério que parecia uma cortina semitransparente deixando transparecer a silhueta de sua alma. Mas ao passo que mostra a silhueta, ofusca os detalhes tornando misteriosa sua essência. O garoto continuava fortemente contrário às teorias de Hevelyn, mas cada frase que ela falava aumentava o desejo que sentia de conhecê-la melhor.

Não demorou a adormecer e como pensava na garota, era óbvio que sonharia com ela. Sonhou que estavam na escada conversando e que ao segurar as mãos de Hevelyn com suas duas mãos uma espécie de luz rosa ia aos poucos tomando todo o corpo da garota

acabando por tomar seu corpo também. E o sonho acabava assim, os dois completamente tomados por aquela luz rosa enquanto Reinaldo segurava as mãos de Hevelyn e os dois se olhavam e sorriam um para o outro.

Reinaldo acordou com fortes batidas na porta do quarto. – Já são seis horas. – Era a voz de seu pai, impaciente como sempre.

Inconformado, o garoto respondeu antes que o humor de seu pai piorasse:

– Já estou levantando.

– Estou saindo. – Continuava gritando o Capitão. – Vê se não vai se atrasar.

– Tá bom. – Falou o garoto.

De fato, ele estava mesmo levantando. Não por que se interessasse nas aulas. Mas elas já eram ruins o bastante chegando no horário. Caso se atrasasse, então, o caos seria completo. E se tem uma coisa que aqueles militares sabem é punir as pessoas. E

se não bastasse a punição exemplar, ainda chamam o pai na escola para colocá-lo a par dos problemas do filho. E como bom militar, o Capitão Fontes seria implacável na punição de seu subordinado, o filho.

O garoto se arrumou tão rápido quanto possível. Tomou um café reforçado visto que se limitara mal na noite anterior. Escovou os dentes e correu para o colégio.

Ao sair do apartamento, olhou em volta procurando Hevelyn, mas não havia ninguém ali.

– Por que mesmo morando encostado quase não a vejo? – Se perguntava Reinaldo.

Mas não havia tempo pra filosofar. Era preciso correr e chegar à escola no horário.

Chegando lá, Hino Nacional, hastear a Bandeira e todos para sala de aula, fila por fila na mais perfeita ordem. Este era um dos pontos que incomodavam Reinaldo, toda aquela ordem. Todos obedecendo religiosamente. Ninguém corria ou gritava

ou cantava ou ria. Todos em fila, marchando. Indo pra sala cada turma na sua vez.

Por um lado, toda aquela formalidade vinha acompanhada de disciplina rigorosa. Os alunos se respeitavam. Por bem ou por mal. Não havia insultos, bullying ou discussão. Nunca houve um caso de briga em toda a história daquele colégio. E tal estatística inclui não apenas as dependências, mas também o trajeto que os alunos fazem indo e voltando da escola.

Toda aquela ordem parecia robotizar as pessoas, mas ao mesmo tempo garantia a segurança que as escolas comuns dificilmente terão um dia. Perde-se por um lado e se ganha de outro. Mas quando se é jovem fica mais fácil perceber a perda de liberdade que o ganho de segurança.

As aulas transcorreram na monotonia de sempre. Os professores, todos militares, eram muito conservadores e a tecnologia ainda não mudará a didática do local.

A hora do intervalo era surpreendente. Todos andavam calmamente e conversavam em tom normal. Nada de correria ou gritos. E para completar, as tarefas de casa sempre eram trazidas prontas na aula seguinte.

Era uma instituição bem fora dos padrões escolares de hoje, mas é inegável que cumpria seu papel como poucas conseguem.

A sessão de tortura, como Reinaldo chamava as aulas, chegou ao fim. Era preciso correr pra casa, almoçar e se preparar psicologicamente para as avaliações que aconteciam na parte da tarde.

O lado positivo das avaliações era o fato do aluno poder ir embora assim que a acabasse.

– Quanto menos tempo passar nesse local melhor. – Pensava o garoto.

Em casa, novamente o Capitão não estava para o almoço. O garoto já se acostumara e tratou logo de comer e correr para os livros. Uma última revisão

era importante já que notas baixas ali, ainda são tratadas como sinônimo de falta de comprometimento e para isso sempre existe punição.

Reinaldo era bastante inteligente e sabia usar tais qualidades de modo que por vezes incomodava professores e causava inveja em colegas. Com isso o garoto conseguiu fazer as provas rápido e obter resultados ótimos como sempre.

Voltou pra casa. A sensação era de dever cumprido. Provas feitas e embora não tivessem sido corrigidas, sabia que tiraria ótimas notas. Junto com esse alívio também sentia um vazio. Estava ali com o resto da tarde livre e sem nada pra fazer ou alguém pra conversar. Sentou no último degrau, no lugar em que Hevelyn costuma sentar e ficou alguns minutos parado na esperança de que ela aparecesse. Mas isso não ocorreu. Olhou para a porta fechada do apartamento dela. Jamais vira aquela porta aberta. Era como se ninguém morasse ali.

Começou a sentir sono e resolveu ir pra dentro e dormir um pouco. Deitou e já pegou no sono de imediato.

CAPÍTULO 06

O garoto acordou assustado percebendo que sol já partirá. Olhou no celular, 19:12.

– Meu pai deve estar uma fera. – Pensou Reinaldo apressando-se em sair do quarto. A casa estava toda escura. O Capitão Fontes não havia chegado. Ligou as luzes, jamais sentiu-se seguro com a casa escura. Foi ao banheiro e depois à cozinha tomar água. Pensou em ligar a TV, mas logo desistiu. Pegou uma bala e colocou na boca, ao jogar o papel na lixeira percebeu que estava completamente cheia. Se o Capitão vice aquilo ficaria perplexo. – Como um ser humano passa a tarde inteira em casa e não vê a lixeira transbordando. – Gritaria insatisfeito.

Reinaldo tratou de recolher o lixo e levar pra baixo o mais rápido possível.

Colocou o saco de lixo no grande cesto na calçada ainda antes que seu pai visse. – Ufa! – Respirou aliviado.

Subido as escadas pensava novamente em que motivos levariam seu pai a trazê-lo para cá se ele nem mesmo fica em casa. Por mais que pensasse não encontrava respostas. Estava entretido com seus pensamentos quanto sentiu um perfume suave lembrando flores. Olhou pra cima e lá estava. No lugar de sempre. – Hevelyn! – Exclamou sorrindo.

A garota sorria com a alma. Seu rosto parecia brilhar. Vestia uma bermuda jeans clara e uma camiseta azul e o mesmo par de tênis do outro dia. Seus cabelos estavam amarrados em um rabo de cavalo.

– Oi Rei. – Falou a garota. – Eu vi você descendo com o lixo e fiquei esperando.

O garoto riu. – Cedo ou tarde as pessoas acabam me chamando de Rei.

Reinaldo sentou-se ao lado da garota. – Eu estava com saudades.

– Mas nós conversamos ontem. – Hevelyn falou sorrindo.

– Nesse quartel você é a única pessoa legal pra conversar. – Explicou o garoto.

– Então você conversa comigo por falta de opção. – Falou a garota com um ar mais sério.

Reinaldo, totalmente sem graça, pensava em uma maneira de reverter aquela situação desconfortável. – Não é isso. Eu adoro conversar com você, me sinto bem quando estamos juntos. E, além disso, você é a única pessoa desse quartel com quem eu consigo conversar de verdade.

– Quando alguma coisa acontece por falta de opção, ela dura apenas enquanto durar a escassez. – Falou Hevelyn. – Gostaria que nossa amizade durasse muito mais que isso.

O garoto sorriu. – Da minha parte vai durar pra sempre. E além do mais. – Continuou. – Você pode olhar pra mim, ver a cor da minha aura e saber que estou falando a verdade.

– Não posso mais. – Falou a garota olhando para o chão e com a voz bem baixa.

– Como assim? Você não vê mais a aura das pessoas. – Perguntou Reinaldo.

– Vejo. – Explicava a jovem. – Só não vejo mais a sua. Quanto mais eu me aproximei de você, mais difícil ficou de ver sua aura. E hoje não consigo ver nem sequer o vulto.

– Por quê? – Perguntou o garoto.

A garota sorriu. – Não sei. – Respondeu. – Apenas não vejo mais.

Nesse momento o Capitão Fontes apareceu na escada. Subia pisando firme como se conduzisse uma tropa.

Ele aproximou-se como se não tivesse ninguém ali além do filho.

– Reinaldo. – Falava com voz de comando. – Venha se arrumar pra ir comigo na casa do Major Santos. Preciso tratar de uns assuntos com ele e como os netos estão lá, você também foi convidado.

– Não pai. Não quero ir. Prefiro ficar aqui. – Falou o garoto em tom suplicante.

O Capitão bufou e passou a mão no cabelo. – Faça o que quiser menino. Mas saiba que está perdendo uma oportunidade única de diversão aqui no quartel.

Nem bem acabou de falar e já estava entrando no apartamento.

– Não se incomode com meu pai. – Falou Reinaldo tentando amenizar o acontecido. – É o jeito dele. Só enxerga o que interessa pra ele. Não é pessoal.

– Não se preocupe. Estou acostumada com isso. – Respondeu a garota.

A essa altura o Capitão já saia do apartamento. Marchando como um bom militar. Parou ao lado do filho.

– Tem certeza que vai debandar soldado?

– Sim pai. Não quero mesmo ir. – Respondeu o menino.

– Então está dispensado. – Dito isso, Fontes desceu as escadas marchando como sempre.

– Uma escolha é antes de tudo uma abstenção. – Falou Hevelyn.

Reinaldo coçou a cabeça. – Do que está falando?

A garota explicou. – Um professor de filosofia falou isso uma vez. Ele disse que ao escolher vivenciar uma experiência você precisa desistir de viver outras. Não é possível fazer tudo. Você escolheu ficar aqui conversando comigo. Pra fazer isso se absteve de conhecer os netos do Santos e da possibilidade de passar momentos agradáveis na companhia deles.

– Você está muito filosófica hoje. –
Completo Reinaldo. – Eu quero ficar aqui
conversando com você, esperei o dia todo por isso. Não
poderia trocar por um jantar com essas pessoas que
nem conheço.

– Fico feliz com isso. – Falou Hevelyn.

– Mas dessa sua teoria eu discordo. Retrucou
o menino. – As pessoas escolhem o que elas querem
fazer e não as coisas pra não fazer.

Hevelyn sorriu. – A teoria não é minha. –
Falou. – Mas concordo com ela. E um relacionamento
amoroso seria um dos exemplos mais básicos disto.
Quando você decidir viver com uma garota estará ao
mesmo tempo desistindo das outras. De todas as
outras, das que você conhece e até das que nem sabe
que existem. É como ter o céu e querer uma estrela!

– Às vezes me pergunto se isso é possível. –
Falou Reinaldo com um ar bastante confuso.

– Então você não acredita que um homem e uma mulher possam se amar de verdade? Perguntou Hevelyn.

– Sim e não. – Respondeu o garoto. – Quando você gosta de alguém e quer que essa pessoa faça parte da sua vida parece que tudo pode dar certo. Mas se você olhar por outro ângulo e ver que abriu mão do céu pra ficar com uma estrela. Parece uma decisão bastante complicada. Talvez por isso os casais comecem a brigar tão logo a convivência fique mais acentuada. Talvez percebam que a estrela escolhida não bilha como imaginavam.

Hevelyn balançou a cabeça em um gesto de desaprovação. – Quanto pessimismo. Se os dois brilharem na mesma frequência serão como um só é estarão felizes por estarem juntos.

– Não é pessimismo. – Explicou o garoto. – É realismo. Parece que as estrelas só brilham na mesma frequência nos contos de fadas. Na vida real as pessoas

se cansam umas das outras. Brigam, mentem, traem e vivem um inferno anunciado ou acabam se separando.

– Você não acredita na força do amor? –
Perguntou a garota com ar desanimado.

– Acredito. – Respondeu Reinaldo. – Minha família me ama. Bom, o Capitão não ama nem ele mesmo. Mas isso é um detalhe.

A garota não estava satisfeita com a resposta.
– E sem ser o amor fraternal?

– Reinaldo respondeu de forma bem incisiva.
– Meus pais estão separados, olhe em volta e verá casais brigando o tempo todo se aniquilando mutuamente. Agora eu pergunto: Se fechar o livro e olhar para o mundo real, com pessoas reais, é possível acreditar neste amor que você está defendendo?

A garota já estava perdendo o controle. –
Você é “muito cabeça dura” e machista. Será que nunca se apaixonou nessa sua vidinha curta e patética?

Reinaldo não gostou do que ouviu. Pensou um pouco, era preciso colocar um fim nesse assunto, mas não dava pra sair perdendo. – E você? Nunca se apaixonou por alguém que te fez sofrer? Que te desrespeitou ou te trocou por outra?

Aquelas palavras trouxeram a tona memórias que Hevelyn gostaria de ter esquecido. Seu rosto entristeceu. Seus olhos encheram de lágrimas. O fervor da discussão desapareceu.

– Eu preciso ir pra casa. – Falou quase chorando.

– O que aconteceu? Perguntou Reinaldo.

– Amanhã a gente conversa mais. – Explicava Hevelyn. – Agora eu só quero dormir.

A garota se levantou e deu um passo em direção de seu apartamento. Ficou parada por alguns instantes, virou se para o garoto. – A resposta é sim. – Falou. – Quando eu sofri o acidente estava namorando há alguns meses. Ele dizia que me amava, que íamos

nos casar e passar a vida toda juntos. Poucos dias depois do acidente ele já estava com minha amiga mais próxima dizendo as mesmas coisas pra ela.

– Isso deve ser horrível. – Disse Reinaldo.

A garota olhou para baixo na escada. Reinaldo virou-se para ver o que era. Seu pai subia como se tentasse quebrar cada degrau que pisava.

– Já pra cama. – Ordenou. – Precisa levantar cedo amanhã.

Acabou de falar já abrindo a porta do apartamento. Entrou e deixou a porta aberta para que o filho entrasse.

A garota olhou para Reinaldo como se nada tivesse acontecido.

– Rei. Eu acredito que as pessoas sejam diferentes umas das outras e que se algumas histórias se perdem no caminho outras podem ter finais felizes. Boa noite!

O garoto sorriu. – Vou me esforçar pra acreditar nisso. Boa noite!

CAPÍTULO 07

Quando Reinaldo entrou no apartamento seu pai já estava no quarto. Mesmo não tendo jantado estava sem fome. Pensou então em tomar um banho e ver se o sono aparecia.

No banheiro o garoto lembrou-se da conversa com Hevelyn, de como o diálogo começou sereno e cheio de ternura e culminou em uma discussão acirrada.

– Por quê? – Perguntou olhando no espelho. O garoto entendeu que havia perdido o controle sobre suas emoções. A separação de seus pais e acima de tudo o modo como tudo ocorreu levou-o a questionar os sentimentos que unem os casais. Na busca por um entendimento maior sobre esse assunto, passou a observar os casais e viu que na maioria dos casos não

havia a menor relação com aquele amor no qual Hevelyn parecia acreditar.

– Mas ela já acredita em tanta coisa que eu descredito. – Pensou o garoto. – Que diferença faz se ela acredita ou não no amor das pessoas?

Reinaldo não entendia o fato de ter sido tão inflexível. Passou o dia esperando o momento em que pudesse conversar com Hevelyn e na hora em que estava com ela, tudo que conseguiu foi discutir.

– Por que mesmo querendo agir de um jeito acabamos agindo de outro completamente diferente?

Não encontrou uma resposta satisfatória, mas entendeu que isso tem forte ligação com os acontecimentos pelos quais passou em sua vida e principalmente com a maneira que lidou com eles.

– Será que tem uma parte de nós agindo por conta própria enquanto acreditamos ter controle consciente sobre todos os nossos atos? – Perguntou novamente a si mesmo. E logo após pensou. – Se existe

esse lado inconsciente, em que ele se fundamenta para tomar decisões? E qual o grau de influência que ele teria sobre a parte consciente de nós?

Estas perguntas acabaram fazendo Reinaldo sentir solidão. Embora convivesse com muitas pessoas, não existia um só conhecido com quem pudesse falar sobre esse assunto. E a pessoa mais próxima no momento, seu pai, seria capaz de considerar tudo uma grande besteira.

Já se enxugava quando cogitou a possibilidade de falar com Hevelyn sobre essa interação de consciente e inconsciente na mente humana. – Mas ela pode achar isso estranho. – Pensou. – Ou quem sabe ter uma de suas teorias malucas explicando o assunto.

De qualquer forma, já era tarde e dormir era uma necessidade, visto que no dia seguinte teria outra sessão de torturas destas que a sociedade insiste em chamar de aula.

O garoto conseguiu pegar no sono tão logo parou de pensar no funcionamento da mente humana.

Seis horas e um minuto o alarme do celular despertou. Por algum motivo desconhecido Reinaldo não gostava de acordar as seis, por isso colocava o celular para chamar um minuto mais tarde. A estratégia funcionava sempre que seu pai não esmurrava a porta minutos antes.

Reinaldo levantou desanimado como sempre. Não pelo fato de não gostar de acordar cedo, mas por estar acordando para ir à aula naquele colégio.

O garoto se arrumou e foi pra cozinha tomar seu café. Ao entrar pode perceber por que o Capitão Fontes não o chamou antes de sair, como fazia sempre. É que ele não saiu. Estava ali ainda tomando café. – Hoje não estou acompanhando a tropa. – Falou Fontes. – Faço o horário normal, e depois de vários dias estarei em casa na hora do almoço.

O garoto não sabia se achava bom ou ruim. Na realidade acabou achando indiferente e tomando logo seu café para não chegar atrasado.

Após o café, Fontes acabou de se arrumar e saiu. Pouco depois Reinaldo também estava pronto. Pegou seus materiais e saiu calmamente por que ainda havia muito tempo. Trancava a porta do apartamento quando ouviu uma voz suave atrás dele.

– Bom dia Rei.

– Reinaldo sorriu ao reconhecer a voz de Hevelyn. Pela primeira vez a encontrava pela manhã. – Será que vai pra escola? – Perguntou-se.

O garoto virou sorridente para a direção da qual vinha a voz. Hevelyn estava linda. Seu sorriso era amplo e cintilante. Seus cabelos estavam soltos e seus olhos brilhavam. Ela vestia calça jeans, uma blusa branca e uma espécie de sapatilha preta.

– Bom dia! – Respondeu Reinaldo. – Também vai pra escola?

Hevelyn balançou a cabeça. – Não. Ainda não posso sair de casa, devido ao acidente.

– Mas você parece tão bem. – Argumentou Reinaldo. – Quanto tempo faz que aconteceu esse acidente?

A garota ficou sem graça. Passou a mão no rosto já vermelho. – Já faz um tempo. – Falou gaguejando. – Mas ainda tenho problemas que me impedem de sair e viver uma vida normal.

Reinaldo, movido por toda a curiosidade humana e a falta de diplomacia bem típica da juventude, continuou questionando. – Mas que problemas são esses? Você está bonita, anda, fala, ouve e conversa normalmente. É preciso ter coragem de enfrentar o mundo de novo! Sair e viver.

– Não é assim tão simples. – Falou Hevelyn ainda mais angustiada. – Ainda tenho sérios problemas psicológicos e também físicos. Eu estava no primeiro semestre de Psicologia. A aluna mais jovem da

universidade. Desde pequena meu sonho era fazer esse curso. Só Deus sabe o quanto eu queria descer por estas escadas e retomar minha vida, mas acredite, eu não posso. – Hevelyn terminou a frase chorando. – E acho que jamais poderei.

O garoto tentou afagá-la, mas Hevelyn se afastou rapidamente. – Se você é meu amigo. – Começou a garota contendo o choro. – Apenas entenda minhas limitações e não faça perguntas, ao menos por enquanto.

Reinaldo sorri. – Acho que posso fazer isso. – Falou.

– Agora tenho que correr. – Explicou. – Se me atrasar vão me barrar e chamar o meu pai.

– Não precisa ir correndo. – Falou Hevelyn, agora com um sorriso meio sarcástico no rosto. – Te empresto minha bicicleta e você chega lá em um minuto. Faz tempo que não uso, mas meu pai a mantém sempre pronta.

– Isso vai salvar a minha pele. – Falou o garoto.

Então a jovem explicou. – Na última vaga do lado direito do prédio tem uma bicicleta presa no telhado por um gancho na roda dianteira. É a minha. O segredo do cadeado do cabo de aço que prende a biblioteca no gancho é 307. Quando voltar devolva exatamente como estava.

Despediram-se rapidamente e o garoto desceu as escadas correndo como louco. Tinha poucos minutos pra chegar à escola.

Pegou a biblioteca o mais rápido que pode. Era Mountain Bike bem antiga, mas estava perfeita.

Chegou ao colégio no último instante. Foi o último a passar pelo portão que já estava sendo fechado. Trancou rapidamente a bicicleta e correu para a fila. – Graças a Deus. – Exclamou ofegante. Não que gostasse das aulas. Muito pelo contrário, mas se

atrasar traria tantos problemas quanto a imaginação daqueles militares pudesse conceber.

Depois da aula de cedo Reinaldo deixou a bicicleta no mesmo lugar, tomando o cuidado para deixar tudo na exata posição em que encontrou. Não podia se esquecer que o pai de Hevelyn tinha a fama de ser uma das pessoas mais sistemáticas daquele quartel.

Cumprida a missão com a bicicleta, o garoto subiu para seu apartamento torcendo para que Hevelyn estivesse por ali. Não foi desta vez, tudo estava deserto, exceto a cozinha de sua casa onde seu pai cuidava do almoço. Logo que chegou o garoto procurou ajudar no que fosse possível, era preciso voltar para o colégio às treze horas.

Tudo ocorreu como esperado e com alguns minutos de antecedência Reinaldo já se encontrava na fila esperando a ordem pra entrar na sala de aula. Dessa vez o garoto fora a pé como ia todos os dias.

Após as aulas apressou-se para chegar em casa, precisava terminar um trabalho de biologia à ser entregue no dia seguinte.

CAPÍTULO 08

Tão logo acabaram de jantar, o Capitão Fontes foi para o seu quarto. Reinaldo, feliz por já ter acabado o trabalho de biologia pode sair para respirar o ar da noite e principalmente para ver se encontraria Hevelyn.

O lugar de costume, no último degrau da escada, estava vazio. O garoto sentou-se ali por alguns instantes. Inquietando-se com a espera resolveu descer e ver a rua de perto. Tudo estava bem parado.

Havia um pouco de poeira no ar. Não ventava, as folhas das árvores pareciam de plástico de tão estáticas que estavam. Reinaldo olhou a bicicleta de Hevelyn. Estava como se tivesse acabado de sair da loja. Não tinha um só risco na pintura, pneus novinhos e cada detalhe estava impecável.

O garoto sentiu, então, um perfume suave e ao mesmo tempo envolvente. Virou-se rapidamente e sorriu feliz ao confirmar que era mesmo Hevelyn.

– Estava olhando sua bicicleta novamente. – Disse. – Ela parece antiga, mas está como nova.

– Meu pai sempre cuidou muito bem desta bicicleta. – Respondeu a garota. – Chegou a tempo pra aula hoje cedo? – Perguntou.

– Sim. – Respondeu. – Graças a você que me emprestou sua bicicleta.

Hevelyn sorriu como quem gostou do reconhecimento. – Amigos são pra essas coisas e além do mais fui eu quem te atrasou.

– Você me falou que fazia Psicologia. Como se decidiu pelo curso? – Perguntou o garoto já se explicando. – Não que eu queira invadir sua privacidade, mas estou a um passo da faculdade.

– Não sei como e nem quando fiz esta escolha. – Começou a jovem. – Desde que me lembro

sempre quis Psicologia. É o fascínio que tenho pelo funcionamento da mente humana. A curiosidade e a necessidade de entender.

– Deve ser bom saber o que quer. Com isso é possível poupar todo o trabalho da escolha. Falou Reinaldo.

Hevelyn balançou a cabeça reprovando o discurso. – Não é fácil como parece. Quando eu era bem pequena eu via gnomos em baixo dos cogumelos e uma amiga imaginária que levou mais tempo além do normal para desaparecer. Eu contava pro meu pai e ele falava. – Minha pequena Wendy, se você acredita na existência de algo, de alguma forma ele existe. Nem que seja só na sua imaginação.

– Por que Wendy? – Perguntou o garoto.

– Por causa da Wendy do Peter Pan. – Respondeu Hevelyn. – Esse foi o primeiro estímulo à me guiar rumo a Psicologia. Quando consegui entender melhor o que aconteceu, senti necessidade de saber

porque eu via e acreditava em coisas que a maioria das pessoas jamais vê e não acredita que existam.

Reinaldo achou aquela história um tanto quanto estranha. – Então você resolveu estudar Psicologia para analisar você mesma na infância? – Perguntou.

– Não. Eu disse que foi o primeiro estímulo. – Explicou a garota. – Com o passar do tempo o comportamento humano passou a despertar cada vez mais interesse em mim. A forma como as pessoas estruturam sua escala de valores e como interagem entre si. Você já parou para observar as pessoas de seu convívio. Se pegarmos as que estão iguais ou superiores a você na hierarquia social, veremos que a maioria delas sabe exatamente que atitudes você precisa tomar pra ser alguém feliz e realizado no futuro. Mas a maioria delas não se sente feliz e tampouco realizada. Se isso não bastasse, as pessoas podem buscar os mesmos sentimentos de satisfação e

felicidade cada uma a sua maneira. Como alguém pode saber o que me fará feliz sem conhecer meus sonhos, aspirações ou necessidades afetivas. Eu posso querer viver alguma experiência que outra pessoa pode não achar certo.

– Mas e se não for certo mesmo? – Perguntou Reinaldo.

– Se for uma atitude que não prejudique a mim ou a outro ser vivo, os padrões de certo ou errado podem não passar de conceitos vazios manipulando as pessoas.

Reinaldo estava novamente confuso com as teorias da garota. – Mas você está dizendo que as pessoas são manipuladas? Por quem?

– Sim, estou. – A garota continuou seu discurso. São manipuladas pelos outros e por si mesmas. As pessoas muitas vezes tomam ou deixam de tomar atitudes influenciadas por pessoas de seu

convívio. Ou mesmo por achar que algum indivíduo reprovava sua atitude ou gostaria que ela fizesse algo.

– Você está me deixando confuso. –
Reclamou o garoto.

– É tudo muito claro. – Continuava a garota. –
Boa parte das pessoas ao seu redor sempre tem uma opinião sobre as atitudes que você deve tomar. Elas sabem exatamente o que você deve fazer pra ser uma pessoa realizada. O mais interessante é que a maioria delas está muito distante de se sentir realizada ou feliz.

– Hoje você está terrível. – Observou o garoto.

– Não é isso. – Contestou a garota. – As pessoas são diferentes umas das outras. Nós dois buscamos a felicidade. Mas o que me faz feliz pode ser diferente das coisas que fazem você feliz.

– Hevelyn. – Exclamou o garoto. – Você está complicando tudo e não consigo entender aonde quer chegar.

A garota sorriu e continuou. – Nós dois buscamos o mesmo sentimento de felicidade. Certo?

– Certo. – Concordou o garoto.

– Mas através de experiências diferentes. – Completou Hevelyn.

– Acho que sim. – Respondeu Reinaldo.

A garota continuou. – Então como eu posso te falar o que fazer para ser feliz ou realizado?

– É, acho que você está certa. – Respondeu o garoto enquanto os dois já subiam as escadas.

– A vida pode se tornar contraditória. – Completava Hevelyn. – Você é um ser humano livre e pode fazer tudo que quiser. Mas esse tudo é limitado por uma série de fatores.

– As pessoas têm que respeitar as leis. – Observou o garoto.

– Sim. – Respondeu a garota. – Mas isso é só o começo. Imagine pais que deixam de fazer algo acreditando que suas atitudes poderiam magoar ou

envergonhar seus filhos. Ou filhos que direcionam suas atitudes buscando não desapontar seus pais.

– Então para você o problema está no convívio familiar. – Afirmou Reinaldo.

Hevelyn balançou a cabeça reprovando. – Não menino. O Problema está dentro de cada ser humano. A família foi só um exemplo porque ela é a célula que forma a sociedade. Mas pode ser qualquer grupo em que uma pessoa esteja inserida.

O garoto resmungou. – Então agora qualquer grupo vai manipular as pessoas.

Hevelyn sorriu. – Não apenas qualquer grupo, mas todo o grupo e toda a pessoas que tiver alguma importância pra você. Todos vão de alguma forma e em algum grau influenciar seu comportamento. Assim como você influencia o comportamento dos outros.

Reinaldo já estava angustiado com aquela conversa. – Eu não influencio o comportamento de

ninguém. Cada um que faça o que quiser, eu não me importo. – Falou em tom mais alto.

A garota balançou a cabeça em sinal de desaprovação. – Mesmo que fosse capaz de não influenciar conscientemente o comportamento das outras pessoas, o simples fato de você existir já influencia. Influenciou desde o princípio. Ou você acredita que seus pais teriam feito tudo da forma que fizeram se você não existisse. Desde a descoberta da gravidez toda a rotina e as decisões deles foram alteradas pela existência daquele novo ser. Cada pessoa a mais em um grupo muda toda sua realidade.

Em fim os dois chegaram ao topo da escada, sentaram-se e continuaram seu debate.

– Você tem umas teorias muito malucas. – Falou Reinaldo.

– Não é maluquice. – Explicava a garota. – A interação entre as pessoas é muito maior do que se pode imaginar a princípio. Muito mais que palavras, as

peessoas trocam ideias, valores, conhecimento, experiências, sonhos, medos, sentimentos, trocam até mesmo energia. É complexo, mas basta você parar e olhar, está acontecendo a todo o instante, com todas as pessoas.

– Não faz sentido. – Retrucou o garoto. – Cada pessoa tem seu jeito de ser.

– Claro que tem. – Respondeu Hevelyn. – Toda pessoa tem suas características individuais, muitas vezes bem marcantes, mas o convívio socializa ao menos uma pequena parcela de tudo isso. Acontece a todo instante, basta querer enxergar.

– Não, as pessoas não podem ser tão influenciáveis assim. – Afirmou o garoto.

Hevelyn sorriu, seus olhos brilharam como brilham os olhos de quem enxerga a luz repentina de uma boa ideia. – Olhe pra mim. – Falou.

Reinaldo olhou rapidamente, sem questionar ou pensar, apenas acatou o pedido. Hevelyn olhou

dentro dos seus olhos, com um leve sorriso em sua boca e um discreto rubor em suas bochechas. Reinaldo foi incapaz de evitar. Seus olhares se conectaram, era como se um pudesse sentir a alma do outro e por um instante pareciam um só. O mundo está parado naquele momento, toda a referência de tempo ou espaço estava perdida. O garoto deparou-se com sentimentos que até então estavam disfarçados por uma forte amizade que surgira rapidamente. Hevelyn perdera o controle sobre a experiência que ela própria idealizara. Reinaldo foi aproximando gradativamente seu rosto ao rosto da garota. O beijo era agora inevitável.

– Não. – Falou Hevelyn se afastando rapidamente e como quem acorda de um sonho esfregou o rosto meio perdida.

– Me desculpe. – Começou Reinaldo totalmente desconcertado. – Eu não quis forçar a

barra, você é a única amiga que tenho em toda essa cidade esquisita.

A garota olhou pra ele sem saber ao certo o que fazer. Seu olhar era de extrema ternura. – Não se preocupe. – Falou. – Tudo que eu queria nesse momento era poder beijar você. Mas não consigo.

Reinaldo estava perplexo. – Não entendo. Se você quer? Como não consegue?

– Me dê um tempo. – Pediu a garota. – Vou arrumar uma forma de explicar. Mas por hora eu só queria te mostrar que eu mudei você e você me mudou. Entende agora?

– Acho que sim. – Respondia o garoto. – Mas você não influenciou minhas atitudes, tudo que fiz veio de dentro de mim.

A garota sorriu novamente, seus olhos brilharam com os olhos de quem sabe que venceu um empasse. – Então por que você se preocupou com a minha recusa? Por que você mudou de postura e me

pediu desculpas e teve medo de perder minha amizade?

Reinaldo gaguejou um pouco tentando falar algo que nem ele mesmo sabia. Os argumentos o abandonaram totalmente e a garota continuou. – Eu não tive intenção de te manipular, mas você mudou todo seu comportamento embasado em sua opinião sobre minha atitude e sua suposição sobre o que eu estava pensando sobre você.

– Tudo isso parece tão estranho. – Falou o garoto meio atordoado. – Mas faz sentido. As pessoas interagem e provocam sentimentos umas nas outras e as vezes tomamos atitudes embasados em nossas suposições sobre as impressões que outra pessoa tem de nós.

Hevelyn estava feliz. Conseguira fazer Reinaldo entender suas teorias, e mais que isso, ele sentiu em sua própria pele.

Os dois ainda conversavam quando o Capitão abriu a porta do apartamento. – Já pra cama soldado. – Gritou enérgico. – Amanhã tem aula logo cedo.

Totalmente envergonhado, Reinaldo não sabia o que falar. Seu pai acabara de ignorar totalmente a existência de Hevelyn pela enésima vez e além disso, ainda mandou ele pra cama sem o mínimo de educação na frente da garota.

Hevelyn quebrou o silêncio tentando ser simpática. – Boa noite Rei, eu também preciso dormir. Hoje foi um dia longo.

CAPÍTULO 09

Como acontecia sempre o Capitão estava em casa cedo, a porta do quarto do Reinaldo foi esmurrada pontualmente as seis horas.

– Levanta soldado. – Gritava o Capitão. – Sua aula começa as sete.

– Não sou soldado. – Gritou Reinaldo.

– Todos somos soldados quando nossa pátria precisa de nós. – Continuava o Capitão. – Você faz parte do futuro dessa nação e precisa estar preparado.

O garoto estranhou. Seu pai estava muito falante, geralmente ele apenas esmurra a porta e grita algumas palavras de ordem. – O que poderia estar acontecendo? – Perguntou-se.

Novamente fortes batidas na porta. – Vamos soldado. A pátria não espera. – Gritou novamente o Capitão Fontes.

– Não é possível. – Pensou Reinaldo. Isso não está certo.

O garoto já se vestia quando ouviu o Hino Nacional tomando conta do apartamento. Seu pai estava mesmo empolgado com alguma coisa muito importante.

Assim que Reinaldo saiu do quarto seu pai veio ao seu encontro. – Soldado! – Falava o Capitão totalmente tomado de emoção. – Vou ser promovido. O Coronel Rocha me avisou extraoficialmente às cinco e quarenta.

– Parabéns pai. – Falou o garoto bastante desanimado. – Sei o quanto isso é importante para o senhor e fico feliz.

O Capitão não se conteve. – Energia soldado. Ânimo! Hoje é dia de festa.

– Pai, foi um aviso extraoficial. E se não acontecer de fato? – Perguntou o garoto.

O Capitão respondeu com firmeza. – O Coronel Rocha é um dos mais íntegros militares que já conheci. Se ele falou, está consumado. Eu serei o Major Fontes.

Reinaldo sabia o quanto aquela promoção significava pro seu pai, mas odiava o exército e tudo que fosse relativo a ele. Com isso odiava as promoções bem como as patentes.

Na escola estava uma loucura, era como se todos soubessem da promoção do Capitão Fontes. Os alunos, professores, coordenação, direção, funcionários. Todos davam os parabéns ao garoto pela nova patente de seu pai.

Na volta do intervalo, todos em fila e um dos coordenadores fez questão de parabenizar mais uma vez. – É com um imenso orgulho que parabenizo o Capitão Fontes, neste colégio representado por seu filho Reinaldo Fontes por mais esta importante conquista. – O Coordenador fez uma pequena pausa

emocionado, prosseguindo. – Dentro em pouco o agora Capitão fontes será o Major Fontes. Um exemplo de militar. Um homem que guiado por seu pai, um dos mais brilhantes Generais já conhecidos, dedicou sua vida a servir nossa amada pátria. E você pequeno Reinaldo. – Falou estendendo a mão direita na direção do garoto. – Sei que em suas veias corre o sangue verde e amarelo desses militares de fibra que muito contribuem para a manutenção da soberania dessa nação. E como quem sai aos seus não degenera, tenho certeza de que no futuro é você quem estarei vendo ganhando patentes.

Após o discurso inflamado, o coordenador pediu uma salva de palmas ao Capitão Fontes e a toda a família Fontes.

Reinaldo não poderia estar mais irritado. Seu pai estava sendo promovido, não precisava de toda aquela cerimônia ali no colégio. O que mais queria nesse momento era estar bem longe, estudando em

uma escola normal onde nem soubessem quem era seu pai e muito menos que ele é militar.

Na sala de aula a sessão de parabéns continuava. Quem ainda não conhecia a novidade, agora estava devidamente comunicado e todos queriam demonstrar sua felicidade, embora em alguns o sentimento predominante fosse a inveja.

Na hora do almoço, Fontes estava ainda mais eufórico. – Sábado será a cerimônia. – Começou animado seu discurso. – Sua mãe e sua irmã estarão aqui também. Eu sabia que esse quartel me traria sucesso. Eu adoro o Exército Brasileiro, eu adoro esse quartel.

– Eu odeio tudo isso. – Pensava Reinaldo.

Fosse como fosse, era inevitável. O Capitão estava irremediavelmente feliz e mais do que nunca só pensava no exército.

– Acho que não é o sangue dele que é verde e amarelo. É o cérebro que ficou verde. – Pensou o garoto.

Quando a noite chegou Reinaldo já não aguentava mais ouvir falar na tal promoção e muito menos na cerimônia chata do sábado. Seu pai foi jantar na casa do Coronel Rocha e fez de tudo para que ele fosse junto. O garoto se recusou todas as vezes que foi convidado pelo pai. O Capitão, por fim, abriu mão de sua autoridade desta vez, deixando que o filho ficasse em casa.

Logo que seu pai saiu, Reinaldo sentou-se no último degrau da escada como de costume.

– Não é o acontecimento, mas o que sentimos.

Reinaldo olhou rapidamente para traz. Era a voz de Hevelyn, suave e meiga.

– Boa noite Hevelyn. – Falou o garoto, agora sorridente.

– Boa noite Rei! – Respondeu a jovem. – Na maioria das vezes não são os acontecimentos que nos deixam felizes ou tristes, mas o que fazemos com eles quando trazemos para dentro de nós.

O garoto estava mais uma vez surpreso. Hevelyn sabia da novidade, como todos naquele quartel, mas ela foi a única pessoa capaz de perceber o que ele sentia. E, embora usando umas expressões bastante estranhas, fazia questão de ajudá-lo a lidar com seus sentimentos.

– Eu sou a única pessoa deste quartel que não está feliz. – Falou Reinaldo.

A garota sorriu. – Às vezes pegamos um acontecimento e preenchemos as partes dele que não conhecemos ou que não aceitamos com nossos medos ou nossas frustrações. Criamos uma realidade distorcida alimentando sentimentos ruins dentro de nós. A maioria dos meninos da escola estaria feliz se tivessem no seu lugar e você está triste. Percebeu

como o problema não é o acontecimento, mas o que você fez com ele?

Reinaldo começou a falar nervosamente. – Mas o Capitão Fontes só enxerga o exército, não percebe que existem seres humanos em volta dele. Eu nem sei se ele é humano. E agora as pessoas querem que eu siga a carreira dele e de meu avô. Eu não sou um soldado. Eu odeio esse lugar.

– Rei. – Começou Hevelyn. – Seu pai dedica a vida dele ao exército sendo Capitão e vai continuar dedicando sendo Major. As coisas não vão ficar melhores nem piores. E ninguém pode te obrigar a seguir uma carreira que você não queira. E ainda que ele tente fazer isso, é melhor deixar para sofrer quando chegar a hora.

– Minha mãe e minha irmã estarão aqui para a cerimônia. – Falou o garoto com um ar mais alegre. – Quero que você às conheça. Elas são muito legais, não se parecem em nada com o Capitão Fontes.

– Provavelmente eu vou viajar para fazer alguns exames. – Explicou Hevelyn.

– Que pena. Eu queria muito que vocês se conhecessem. Mas fica pra próxima. – Consolava-se Reinaldo.

Os dois ainda conversavam empolgadamente quando o Capitão chegou.

– Cama soldado. – Foram as únicas palavras que ele foi capaz de dizer.

Reinaldo já nem sentia mais vergonha e Hevelyn agia com naturalidade como se nada tivesse acontecido. Os dois se despediram e o soldado foi pra cama.

CAPÍTULO 10

Embora Reinaldo pedisse veementemente para o tempo parar, ele não parou e o sábado chegou firme e impiedoso. O garoto acordou e olhou no relógio, seis horas em ponto. O pai não esmurrara sua porta, era dia de festa. O perfume mais caro do Capitão já podia ser inalado no apartamento inteiro, ainda que a cerimônia fosse às 20 horas.

Reinaldo espreguiçou-se lentamente, queria poder sumir, ficar invisível e só voltar na manhã seguinte. Sua aversão pelo exército era forte e crescente. A ideia de participar daquela cerimônia o deixava transtornado. Todos com suas fardas de gala, medalhas pelo peito, discursos intermináveis e tudo que se pode imaginar nesse tipo de evento. Os familiares em volta, impecavelmente vestidos, simpáticos e felizes. Para o garoto tudo não passava de

uma encenação vazia onde cada um cumpria seu papel como atores em um palco. Muitas vezes viu seu pai ausente do convívio da família, concentrando-se apenas em sua carreira, passando pela casa como se fosse uma extensão do quartel, dando ordens e gritando como fazia com seus subalternos. E depois, nos dias de comemoração, a família apresentava-se junto com o Capitão, todos felizes como se fossem um exemplo de família vivendo a mais pura harmonia.

O relógio impiedoso já marcava seis e vinte, apesar disso o garoto recusava-se a levantar. Lembrou-se da conversa com Hevelyn na noite anterior e pode perceber que as atitudes de seu pai frente à profissão o fizeram enxergar apenas o lado ruim do exército. – Será que a culpa não é da profissão e sim do que meu pai fez com ela em sua vida? – Perguntou-se. – Seria possível um militar ter uma relação normal com a família? E nas outras profissões? Teriam também

outras pessoas agindo como o Capitão mesmo sem serem militares?

– Sete horas filho. – O Capitão gritava em sua porta.

O garoto despertou de seu mundo de questionamentos. Lembrou-se que as sete e trinta a mãe e a irmã chegariam no aeroporto. Como pode se esquecer do único acontecimento bom daquele fim de semana. Revê-las seria fantástico e como só partiriam no final da tarde de domingo, daria tempo pra conversarem bastante.

– Eu vou junto. – Gritou afobado.

– Não dá mais tempo. Vá para o banho e fique pronto pra quando voltarmos. E lembre-se de arrumar seu quarto. – O Capitão não esperou resposta, falou e saiu, como sempre. Ainda assim o garoto estranhou sua atitude. Sua voz estava um pouco mais branda, além da troca da palavra soldado pela expressão filho. Foi então que percebeu que mesmo

antes da chegada, sua mãe já havia influenciado o comportamento de seu pai.

– Hevelyn está certa! – Exclamou. – As pessoas interagem e alteram o comportamento umas das outras, ainda que não busquem fazer isso de forma consciente.

Reinaldo arrumou rapidamente o quarto. Tomou banho e se arrumou também. O restante da casa estava impecável. O Capitão queria mesmo impressionar. Até spray de bom ar ele usou.

Faltava ainda dez minutos para as oito horas e o garoto já estava completamente pronto, esperando na rua, sentado no meio fio em frente ao pequeno prédio. Não conseguiu comer. Embora o pai tivesse deixado um café da manhã caprichado na mesa. O tempo parecia parado. – Porque não parou antes. – Indagou ansioso. – Agora é pra andar rápido.

Definitivamente o relógio não fazia questão de colaborar. E quando parecia ter passado várias

horas, as sete horas e cinquenta e oito minutos, o carro virou a esquina.

Quando o veículo parou e as portas se abrirem foi pura alegria. Reinaldo nunca havia ficado tanto tempo longe de sua mãe e nem tampouco de sua irmã. A felicidade era completa. O garoto esqueceu completamente do quartel e da cerimônia chata que os aguardava.

Todos subiram, com as malas, que foram provisoriamente deixadas na sala e se acomodaram na mesa da cozinha para comer. O Capitão cuidara previamente de cada detalhe e o café da manhã estava impecável. Passada a euforia do primeiro momento, Reinaldo teve tempo de se incomodar com um garoto que acompanhava sua irmã. Tratava-se de Alfredo. Fredo, como preferia ser chamado, era moreno da pele bem bronzeada, cabelos pretos cortados em estilo militar, musculatura bem definida, olhos castanhos, um metro e oitenta e pouco, mais ou menos, e bem

educado. Foi apresentado como namorado de Helena, a irmã de Reinaldo, e fazia o possível para ser simpático.

– Não acredito! – Pensava Reinaldo bufando como um touro. – Depois de tanto tempo distante minha irmã chega trazendo um estranho pra dentro de casa. Falta de respeito e consideração pela família. Como a mamãe foi capaz de aceitar uma palhaçada dessas?

Certa vez um sábio disse que aceitar os fatos, sejam bons ou ruins, é o primeiro passo a ser tomado. – Você abre espaço para as energias fluírem e a experiência será o mais positiva possível. – Afirmava ele. – A ideia não é simplesmente conviver de maneira passiva com algo que incomode, mas tomar as atitudes certas na hora certa. Para ele, todas as experiências da vida de uma pessoa são energias que chegam, ficam vibrando por determinado tempo e depois desaparecem.

Reinaldo não conhecia esta teoria, nem tampouco era diplomático. E, embora Hevelyn tivesse abrandado bastante seu jeito mimado e as vezes egoísta de lidar com as pessoas, ele ainda era obtuso o bastante para agredir verbalmente Fredo na presença de todos e sem a menor vergonha.

Foi nesse cenário complicado que o Capitão pode mostrar um pouco de seu lado diplomático e, a exemplo de Caxias, tentar resolver o conflito de maneira pacífica. Piorando a situação de Reinaldo, seu pai tinha simpatizado bastante com o candidato a genro. Além de o garoto ter estilo de militar, era de família militar e queria seguir carreira no exército. Como se não bastasse tudo isso, as investidas de Reinaldo deram a Fredo a oportunidade de mostrar toda sua diplomacia e tato para lidar com situações inoportunas.

Findada a refeição o Capitão tomou o comando e a palavra: – Reinaldo. – Começou ele. – Seu

quarto será o dormitório masculino. Organize ele para que eu e Alfredo tenhamos espaço no chão para nossos colchões. Meu quarto será o dormitório feminino. Vou desocupá-lo. Dora, Helena e Alfredo podem descansar um pouco na sala enquanto nos organizamos.

Dadas as ordens, cada qual seguiu para sua função. O Capitão estava ajudando o filho reposicionar a cama para dar lugar aos dois colchões sobressalentes quando aproveitou para repreendê-lo. – Você está em sua casa, é o anfitrião. Você não é obrigado a gostar do garoto ou ser amigo dele, mas tem obrigação de tratá-lo com educação e conviver de maneira satisfatória com ele. Sua família não merece vivenciar uma guerra nesse momento.

– Mas estar preparado para guerra faz parte da sua vida. – Falou o garoto.

– Não estou falando de mim. – Respondeu Fontes em tom mais firme. – Você entendeu o que eu

disse e não vou repetir ou te lembrar no futuro. Cumpra sua missão ou será punido pela desobediência.

Acabados os sermões e a arrumação, o Capitão chegou na sala liberando os quartos para que os visitantes pudessem se acomodar.

Reinaldo, apesar de totalmente contrariado, foi capaz de manter a educação e tornar o convívio mais harmonioso. Mesmo sendo teimoso ele sabia que seu pai encontraria uma maneira de puni-lo da pior forma possível. Restava então cumprir as ordens do capitão.

CAPÍTULO 11

Conforme o tempo foi passando, Reinaldo foi sendo vencido pelo cansaço, acabou baixando a guarda e desfazendo a tromba que o acompanhava desde cedo. Desse modo, na hora do almoço ele e o possível futuro cunhado já eram quase amigos e no final da tarde já lutavam lado a lado como velhos parceiros em um famoso jogo on-line.

Início da noite, todos se arrumando para a cerimônia. Reinaldo ainda saiu no corredor com a esperança de encontrar algum sinal de Hevelyn, mesmo sabendo de sua viagem. – Por que você não pode estar aqui? – Perguntou em pensamento como se a garota pudesse ouvi-lo. Mas ela não estava ali e nem tampouco poderia ouvir seus pensamentos. A pesar disso ele pode sentir sua presença e lembrou-se da fala

de um amigo kardecista. – Se duas pessoas estão pensando uma na outra, então elas estão juntas.

O Capitão saiu no corredor a procura do filho.

– Filho. – Falou ele. – É preciso entrar e se arrumar. Está ficando tarde.

Reinaldo não entendeu. Seu pai estava muito estranho. – Cadê os gritos e gestos esbravejantes. – Pensou o garoto. – E por que agora eu deixei de ser soldado?

O garoto entrou rapidamente. Ainda estava confuso com todos os acontecimentos inesperados e a brusca mudança de humor e comportamento do futuro Major Fontes.

– Impossível que uma patente de Major tenha mudado a cabeça dele. – Pensava o garoto.

Não era possível saber o que acontecera ao Capitão, nem quanto tempo duraria aquela espécie de encantamento. – Será que vai acabar a meia noite? –

Reinaldo perguntou-se enquanto ria sozinho. Ninguém entendeu o que havia acontecido e o garoto afirmou ter lembrado de uma piada imprópria para ser contada em família.

– Onde você anda ouvindo esse tipo de piada? – Perguntou a mãe em tom de brincadeira.

– Não foi no colégio. – Afirmou o pai. – O nosso é um exemplo em todos os quesitos.

– Mas eu nem tenho autorização pra sair do quartel. – Se defendeu o garoto.

– Então a culpa é da TV. – Finalizou o Capitão fazendo todos rirem.

A cerimônia não foi bem o que Reinaldo esperava. Bom, por um lado foi, ele já havia participado de tantas, e elas são tão parecidas que seria capaz de prever cada detalhe. Mas por outro lado, ele não se sentiu entediado ou irritado como esperava. Conseguiu aproveitar, claro que a sua maneira, o lado positivo de tudo aquilo.

Finalmente o Capitão Fontes tornou-se o Major Fontes. E o final de semana mostrou a Reinaldo que muitas vezes alguns acontecimentos nos tornam tristes ou nos aborrecem mais pela maneira como lidamos com eles do que pelo fato em si.

CAPÍTULO 12

O sol despertou trazendo vida à mais uma segunda-feira e esta, por sua vez, trazia as pessoas de volta às suas rotinas. Reinaldo teve seu quarto de volta e o agora Major Fontes também voltou aos seus aposentos.

O garoto levantou alguns minutos antes das seis. Seu pai não bateu em sua porta desta vez, provavelmente ouviu o barulho no banheiro e percebeu que o filho já estava se arrumando.

Reinaldo saiu do quarto e sentiu um vazio enorme, a casa estava deserta e melancólica. – Foi muito bom estarmos todos reunidos neste fim de semana. – Pensou. – Apesar de o Alfredo estar junto.

O agora Major Fontes estava na cozinha tomando seu café. Com olhar distante parecia estar em outra dimensão, sequer via o alimento a sua frente.

Mastigava lentamente, talvez repensando a vida e os acontecimentos. O garoto observou por alguns instantes, o ambiente exalava nostalgia. Reinaldo sentiu falta da mãe e da irmã. – Como eu queria que elas voltassem. – Pensou. – Ainda que tivesse de aturar o Alfredo junto com elas.

Mas o pensamento e a vontade fazem parte do primeiro passo de um processo cujos resultados não se colhem de imediato. A realidade era, ao menos por hora, imutável. Ele sentia-se sozinho e o Major Fontes era sua única companhia. – Se ao menos Hevelyn voltasse logo. – Tentou consolar-se.

Fontes percebeu a presença do filho. – Bom dia filho! – Falou com ar triste. – Somos só nos dois outra vez.

O Major não voltara ao normal, pelo contrário, agora se mostrava bastante depressivo. Os dois tomaram café e partiram cada um para seu destino.

No colégio ninguém mais tocava no assunto da promoção de Fontes. A vida é assim, as manchetes se renovam e o passado é esquecido rapidamente. Reinaldo preferia desta forma. Não gosta de estar no centro das atenções ali no quartel e, além disso, precisava reorganizar a sua mente. O turbilhão de emoções do fim de semana o deixara atordoado.

A segunda-feira passou como de costume, apenas mais carregada de saudades. A noite chegou, e após a janta Reinaldo aproveitou que seu pai foi para o quarto e saiu para o corredor a procura de Hevelyn. Tudo estava deserto. Ele sentou-se no lugar de costume e ficou pensando na vida.

– Sabia que estaria aqui. – Disse uma voz feminina vinda de traz.

– Hevelyn! Você voltou! – Exclamou o garoto enquanto se virava rapidamente.

– Como foi seu fim de semana? – Perguntou a garota.

– Foi muito bom. – Respondeu Reinaldo. – Muito melhor do que eu esperava. Tirando o tal de Alfredo.

– Só porquê ele namora com sua irmã você não gosta dele. Helena é um ser humano e também se apaixona, é preciso aceitar isso. – Repreendeu a menina.

– Como você sabe que ele namora com minha irmã? – Perguntou intrigado.

Hevelyn respondeu prontamente. – Ouvi falar. As informações voam. Sabia?

– Por falar em paixão. – Começou o garoto. – Hoje o professor de biologia explicou como funciona quando uma pessoa se apaixona.

– Como? – Perguntou a menina com ar bastante enfadado.

O garoto sorriu feliz e começou a explicar. – É uma reação em cadeia que envolve a liberação de neurotransmissores, hormônios e outras substâncias

no sistema nervoso. As principais são a dopamina e a endorfina. São as substâncias químicas que fazem a pessoa ficar apaixonada.

A garota enrolou nervosamente os cabelos com o dedo indicador da mão direita perguntando. – E se a pessoa já estiver morta? Como você explicaria o fato dessa pessoa se apaixonar?

– Mortos não amam. – Retrucava o garoto. – Mortos estão mortos. Acabaram, sumiram, deixaram de existir e não podem amar ou odiar. Eles estão mortos.

– Não é assim. – Respondeu nervosamente a garota.

– Você não pode afirmar. – Falava o garoto com ar de sabedoria. – Só depois que morrer, mas aí você não vai estar aqui pra falar.

– Mas e se não for assim? – Perguntou a garota tentando se controlar.

O garoto sorriu e balançou a cabeça dizendo:

– Se não for assim? Seria como então? A vida tem início e tem fim. E quando acaba, acabou.

– Pode ser diferente. – Falava Hevelyn com ar de quem tenta ensinar alguém muito querido. – E se houvesse uma alma ou espírito, ou sei lá, que controlasse o corpo e que pudesse sair do corpo quando ele morresse e ir para algum lugar. E se essa alma carregasse memórias e sentimentos. Então essa alma seria você. Ela estaria sem o corpo, mas ainda seria você. E você poderia ficar feliz ou triste, sentir saudade, odiar, amar, conhecer alguém e até se apaixonar.

– Tá bom mesmo. – Falou o garoto com ar de deboche. – Então andando pela rua, de repente eu posso topar com uma garota morta e ela pode ser bonita e simpática. Aí eu me apaixono por ela, ela por mim e a gente vai para o shopping pegar um cineminha?

A garota ficou imóvel por vários segundos. Tudo que fazia era olhar em direção à parede como se estivesse em outra dimensão. Seu rosto, aos poucos, foi tomando um tom triste. Seus olhos foram ficando vermelhos e começaram a se encher de lágrimas que passaram a escorrer pela sua face delicada. O garoto observava sem entender o que acontecia e tampouco sem saber o que fazer. Ela então levou as duas mãos ao rosto tapando seus olhos, agora encharcados. Sentada no degrau da escada apoiou a cabeça nos joelhos ainda tapando os olhos com as mãos. O desespero da menina parecia crescente, o som do seu choro agora tomava conta do ambiente.

Reinaldo estava cada vez mais assustado.

– Calma, eu não quis te magoar. – Falou estendendo a mão para afagá-la.

A garota se ergueu rapidamente gritando. – Não toque em mim.

– Não foi por mal. – Continuava o menino. – É só a visão da ciência, não fique assim.

– Vá embora. – Balbuciou a garota chorando bastante. – Eu quero ficar sozinha. Eu não quero te ver mais.

O menino temeu que alguém escutasse os gritos e aquele choro desesperado. Pensou em como poderia explicar o acontecido aos pais dela. E pior, como explicaria isso tudo ao seu pai. Frente a todos estes dilemas não viu outra saída senão atender aos pedidos da garota e sair o mais rápido possível.

CAPÍTULO 13

Ao entrar em casa Reinaldo fechou a porta e sentou-se junto a ela. Ouviu o choro de Hevelyn ficando gradativamente mais fraco até sumir por completo. Esperou mais alguns minutos e não ouviu ruído algum. Pensou em ir para seu quarto e tentar dormir, mas não foi possível. Não conseguia esquecer o desespero da garota, jamais viu alguém em um estado daqueles. Sentia necessidade de saber o que houve e a acima de tudo, se ela estava melhor.

Depois de algum tempo de indecisão Reinaldo tomou coragem. Abriu a porta do apartamento e saiu lentamente. O corredor estava vazio, Hevelyn devia ter entrado em sua casa. Não seria possível falar com ela naquela noite. – A menos que eu bata na porta e chame. – Pensou.

Mais um dilema surgiu na mente de Reinaldo, o pai dela tinha fama de ser o militar mais chato daquele quartel. – E se ele atendesse? Seria possível tentar um diálogo? Ele reclamaria com Fontes?

As perguntas não paravam de surgir na cabeça do menino. Ele ficava cada vez mais confuso. – Basta. – Falou após alguns instantes. – Não consigo dormir se não falar com ela, entender o que se passou e me retratar.

Munido de toda a coragem que conseguira no momento, Reinaldo marchou até a porta do apartamento da garota e bateu.

– Já vai! – Gritou uma voz tão velha quanto indelicada.

As pernas do garoto tremeram ao ouvir tamanho rugido. Sons fortes de passos dados com coturno militar aproximavam-se da porta.

– Como um ser humano pode calçar coturnos a essa hora da noite em sua própria casa. – Perguntou-se Reinaldo. E antes que pensasse em uma resposta a porta se abriu.

O garoto sentiu vontade de sair correndo sem olhar pra traz. O velho abriu a porta. Usava a farda completa e todas as medalhas presas em seu peito. Era alto, pele e olhos claros, musculoso e bastante forte apesar da idade.

– Um moleque! – Exclamou o velho com ar de nojo enquanto inspecionava visualmente o garoto dos pés à cabeça.

Reinaldo ficou paralisado por alguns instantes tentando buscar coragem para abrir a boca.

– Ninguém bate à minha porta há anos. – Falou o militar com ódio nas palavras. – Diga logo o que quer e suma da minha frente.

– Meu nome é Reinaldo, sou filho do Major Fontes e preciso falar com a Hevelyn. – Falou o garoto gaguejando.

– Desgraçado! – Gritou o velho enquanto batia a porta.

Reinaldo empalideceu. Seu coração pulsava disparado, suas mãos tremiam e o suor frio começou a escorrer por todo seu corpo enquanto ele continuava imóvel ouvindo a voz do velho se distanciando. – Não se brinca com coisa séria seu moleque dos infernos. Some daqui antes que eu te dê uma surra de sintá...

O garoto virou-se para ir embora, mas lembrou-se do choro desesperado de Hevelyn. Voltou rapidamente e bateu forte na porta.

– Só vou sair daqui quando falar com a Hevelyn. – Gritou.

Os gritos do velho vinham novamente em direção à porta. – Moleque lazarento, quem te falou da minha Hevelyn.

O garoto movido pela emoção do momento batel novamente na porta gritando outra vez. – Só saio daqui quando falar com a Hevelyn.

– Vou te ensinar a respeitar o sofrimento das pessoas seu miserável. – Gritou o velho.

Reinaldo percebeu pela voz e som dos passos que o velho estava chegando novamente na porta. Assim que o som dos passos cessou ouviu-se o barulho similar ao acoplamento do pente de munição de uma arma de alto calibre.

– Se você acredita, então é real. Minha pequena Wendy. – Reinaldo olhou rapidamente para o lado de onde veio a voz. Hevelyn estava ali fora, ao seu lado, enquanto o velho destrancava a porta nervosamente.

– Fale pra ele agora ou saia correndo. – Gritou Hevelyn desesperada.

– Se você acredita, então é real. Minha pequena Wendy. – Gritou Reinaldo enquanto a porta

começava a ser aberta. O silêncio reinou no interior do apartamento.

Hevelyn estava assustada e o garoto completamente paralisado. A porta continuava entreaberta.

– Vamos entrar. – Falou Hevelyn já entrando na residência. Reinaldo entrou logo em seguida.

O garoto observou o ambiente com espanto. Os móveis pareciam tirados de um museu. Um jogo de sofá antiquíssimo todo em couro preto. Um tapete que lembrava a família imperial. Em um dos cantos um vaso com os restos mortais do que um dia foi uma planta. No centro da sala uma mesinha em estilo colonial combinava com a estante igualmente antiga. Em uma das prateleiras, logo acima do antigo televisor de 20 polegadas e tubo, um porta-retratos disputava lugar com outros objetos de decoração.

Rapidamente, Reinaldo reconheceu Hevelyn na foto. Com seu sorriso radiante e um olhar vivo que

parecia brilhar, com os cabelos soltos sobre os ombros, abraçada com um homem cujas feições lembravam seu pai, mas com uns vinte e poucos anos a menos.

– Hevelyn não me contou que tinha um irmão. – Pensou o garoto.

– Rei, você precisa falar com ele. – Disse a garota.

O velho estava sentado na poltrona, abraçado a um rifle e com os olhos cheios de lágrimas. Reinaldo aproximou-se, sentou-se no sofá perto da poltrona.

– O senhor está bem? – Perguntou com bastante receio.

– O que você sabe sobre Hevelyn? – Perguntou o militar.

– Não muito. – Começou o garoto. – A gente conversa com frequência. Mas Hevelyn não fala muito de si. Ela me contou que estava fazendo psicologia,

falou também sobre um acidente que mudou a vida dela.

– Menino! – Exclamou o velho olhando firme nos olhos de Reinado. – Lá fora, você me falou uma frase que apenas Hevelyn, a mãe dela e eu usávamos. O que está acontecendo?

– Foi ela quem pediu para eu falar. – Explicou o garoto.

O velho coçou a cabeça. – Menino. Diga-me a verdade. Ela não tem como ter falado nada a você. Hevelyn está morta a mais de vinte anos.

Reinaldo olhou imediatamente para Hevelyn como quem busca uma explicação. Ela estava ali, ele podia vê-la e tocá-la. Eles quase se beijaram há alguns dias. Isso não fazia sentido. A idade deveria ter castigado a mente daquele velho militar.

– Espere. – Falou Reinaldo olhando para a garota. – Você nunca me deixou tocá-la!

– Do que está falando garoto? Perguntou o velho.

– Estou falando com Hevelyn. – Desesperou-se o garoto.

– Tiramos está foto no último aniversário da minha filhinha, ela estava linda, estava se tornando uma mulher deslumbrante. Mais de vinte anos e me lembro como se fosse ontem. – Explicava o velho enquanto algumas lágrimas corriam pelo seu rosto.

A garota, agora em prantos, continuava no mesmo lugar. Reinaldo, tomado pelo desespero, olhava novamente para a garota.

– Hevelyn. – Suplicou o garoto. – O que está acontecendo? Diga que seu pai está doente. Diga alguma coisa.

– Meu pai está completamente sóbrio e lúcido. – Falou a garota ainda chorando. Aquele acidente sobre o qual eu falei, ele não mudou a minha vida. Ele colocou um fim nela.

– Não pode ser! – Gritou o garoto. – Eu te vejo, eu te ouço e... e eu te amo. Como pode estar morta?

– O que está acontecendo menino? – Perguntou o velho.

O garoto falava assustado. – Hevelyn está ali, em frente a estante, me diz que o senhor pode vê-la também! Me fala que ouviu o que ela disse agora há pouco!

– Menino. Nós estamos completamente sozinhos nesta sala. – Falou o velho.

– Fala pra ele que eu estou aqui. – Começou a garota. – Diz que eu sempre estive aqui e que estou bem.

– Ela pediu para dizer que está aqui e sempre esteve aqui. Ela disse ainda que está bem. – Falou o garoto.

– Que maluquice é essa, menino? – Perguntou o velho.

- Diz pra ele. - Recomeçou Hevelyn. - Fala pra ele que quando eu passei no vestibular de Psicologia em primeiro lugar, mas ainda estava no terceiro ano do ensino médio, ele arrumou um advogado chamado Pedro para garantir que eu pudesse iniciar o curso.

Quando Reinaldo transmitiu a mensagem ao velho ele se deu por vencido. Eram muitas informações coincidentes para serem inventadas e não havia quem pudesse falar tantos detalhes sobre Hevelyn.

Reinaldo passou mais alguns instantes mediando a conversa entre pai e filha, até que a garota desapareceu.

CAPÍTULO 14

Aquela noite foi a última vez que Reinaldo teve contato com Hevelyn e por muitas vezes na vida questionou até que ponto aquela experiência foi real. Mas uma coisa era certa, o sentimento não passou. Como bem explicou Hevelyn, os sentimentos são o que sobra da existência humana quando todo o resto se desfaz.

O tempo foi passando, o Major Fontes e a mãe de Reinaldo reataram seu relacionamento, eles mudaram para um apartamento maior ali mesmo na vila militar e, para infelicidade do garoto, ele teve que cursar todo o ensino médio naquele colégio que tanto detestava.

Algumas pessoas acreditam que a vida seja feita de ciclos, e quando um ciclo acaba outro se inicia.

O final do ensino médio marcou na vida de Reinaldo um complexo empasse com seu pai.

O Major rejeitava a possibilidade do filho não seguir carreira no exército. Reinaldo, por sua vez, não aceitava a possibilidade de seguir carreira militar. Influenciado pelas ideias de Hevelyn, o garoto queria ser psicólogo, enquanto seu pai via o filho sendo Engenheiro Militar.

– O exército precisa de Engenheiros, não de Psicólogos. – Retrucava o Major.

Com muita argumentação de toda a família, Fontes consentiu que o filho fizesse medicina.

– Tá bom. – Falou ele. – O exército também precisa de médicos.

Antes que Reinaldo se formasse, Fredo entrou oficialmente para a família Fontes, e também para o exército, era o orgulho do sogro.

Por outro lado, o filho do Major dava sempre um jeitinho de adiar os planos do pai para sua carreira.

Formou-se em medicina, especializou-se em Neurologia, fez o mestrado em Análise do Comportamento e doutorado em Saúde e Comportamento. Por fim, Fontes desistiu de ter o filho no exército e Reinaldo estava trabalhando exatamente com o que sempre quis, o comportamento humano, em uma das mais importantes universidades do país.

Ao longo do tempo, jamais se esqueceu de Hevelyn e suas teorias, sempre buscou entender o ser humano.

CAPÍTULO 15

Reinaldo amava o que fazia e, talvez por isso, tornou-se referência em Comportamento Humano. Recém-separado de seu sétimo casamento, foi convidado a palestrar e dar oficinas em um importante seminário, com duração de uma semana, na Argentina.

Em comum acordo com a instituição em que trabalhava, o agora Dr. Reinaldo pode aceitar o convite. Ainda não conhecia Buenos Aires e além de trabalhar a ideia era se divertir um pouco em um lugar diferente. Comprou passagens, reservou hotel bem próximo ao local do evento e, no tempo certo, partiu para mais uma experiência internacional.

– Além de importante pra minha carreira. –
Falou Reinaldo para a família. – Vou aproveitar para espairer um pouco.

Sua irmã Helena havia ficado toda empolgada em participar do evento, desistindo logo que descobriu a gravidez do primeiro filho.

– Assim como Hevelyn me explicou. – Pensou Reinaldo ao perceber que a irmã mudara de atitude, abrindo mão de algo importante pra ela por causa do bebê.

Chegando no seminário, o doutor deparou-se com participantes dos mais diversos países, inclusive do Brasil.

Na segunda-feira pela manhã, em sua primeira palestra no evento, todo em espanhol, Reinaldo expunha o conteúdo como de costume quando uma jovem da plateia chamou sua atenção. Ela vestia calças sociais, camiseta e um blazer preto, cabelos loiros, pele clara, ativa e imponente, aparentava entre 26 a 28 anos aproximadamente. Reinaldo ficou fascinado por seu olhar. – Seus olhos

brilham como os de Hevelyn. – Pensou, tentando parar de olhar para ela antes que chamasse a atenção.

A garota movimentava-se com imponência e ao mesmo tempo com feminilidade, expunha sua opinião, mas não era intolerante com quem era contrário a ela. Este comportamento atraiu ainda mais a atenção de Reinaldo que nesse momento, inevitavelmente, já a comparava a Hevelyn. Era exatamente assim que ele a imaginava caso estivesse viva e concluísse o curso de Psicologia.

Sophia era seu nome, era de fato Psicóloga. E como ela fizera várias perguntas e observações, Reinaldo pode interagir com a jovem psicóloga e quanto mais se aproximava, mais sentia uma força irresistível empurrando-o na direção de Sophia.

Após a palestra, Reinaldo conversava com um pequeno grupo de brasileiros no corredor quando Sophia aproxima-se, saindo do anfiteatro.

– Adorei sua palestra. – Falou a Psicóloga fascinada. – Ainda bem que é a primeira de várias. Minhas ideias são muito próximas das suas.

Reinaldo já estava completamente fascinado por ela. Era como se a olhasse e pudesse ver Hevelyn novamente em sua frente. Todos os trejeitos da garota colaboravam para isso. Eram muitas as coincidências. Como especialista em comportamento pode perceber que a jovem Psicóloga também via algo de especial nele. O pequeno grupo, que já havia acabado o assunto em pauta, se desfez rapidamente, restando apenas Reinaldo e Sophia. A garota se aproxima falando de um jeito bastante íntimo.

– Hoje é meu aniversário.

– Parabéns. – Falou o doutor estendendo a mão para cumprimentá-la.

– No meu país as pessoas abraçam os aniversariantes. – Reclamava a jovem.

O médico sentiu-se acuado. Desde que a viu pela primeira vez não era mais o mesmo. Sentiu emoções há muito esquecidas, lembrava-se de Hevelyn a todo instante sentindo as sensações que sentira com essa pessoa que, na verdade, jamais fora capaz de esquecer. Sabia dos riscos que correia abraçando aquela garota. Seria como alimentar algo que pode se tornar mais forte que você e tomar o controle.

– Eu também sou brasileiro. – Falou com simpatia. – E não vejo mal algum em se cumprimentar um aniversariante apertando sua mão. – Dito isso, estendeu novamente sua mão em direção a garota.

Ela então apertou sua mão.

– Meus parabéns. – Balbuciou Reinaldo segurando a mão da jovem. Sentiu uma espécie de calor subindo por seu braço como se fosse uma energia muito forte apoderando-se lentamente de seu corpo. Olhou nos olhos da garota e pode ver um brilho tão encantador que parecia hipnotizar. Nessa hora ela

sorriu diferente e o abraçou. Ele correspondeu aconchegando-a em seu corpo.

– Meus parabéns. – Falou novamente na tentativa infrutífera de retomar o protocolo. Tentou soltá-la, mas não conseguiu.

– Vou beijar a sua boca. – Sussurrou Sophia olhando bem dentro de seus olhos.

Era tudo que ele queria naquele momento. Mas estava ali como um palestrante e a garota que segurava em seus braços era nada menos que a filha da maior pesquisadora em Psicologia da América Latina. Era preciso pesar os prós e contras e tomar uma atitude decisiva.

É incrível como a mente humana pode processar tanta informação em um tempo tão reduzido. Mas ainda assim, a vida nem sempre espera até que razão e emoção entrem num consenso. O doutor percebeu que a situação chegava ao limite. Ou

tomava uma atitude imediata ou aquela garota o faria, tornando-o um coadjuvante de sua própria história.

– Não vai. – Falou com firmeza, sorriu e beijou-a como se fossem os únicos habitantes do planeta.

CAPÍTULO 16

Sophia e Reinaldo viveram uma semana do mais intenso romance que já haviam experimentado em suas vidas. Tudo estava perfeito e sentiam-se como se um tivesse encontrado no outro a sua outra metade. Apesar da estranheza deste conceito, já que o ser humano deve completar-se e encontrar a felicidade e a realização primeiro dentro de si para então dividi-la com outra pessoa. Quem busca a felicidade em outro ser, cedo ou tarde acaba se frustrando.

O sábado chegou, e com ele a hora da partida. O mais novo casal de Buenos Aires já havia combinado tudo para quando chegassem ao Brasil. Sortearam qual dos dois seria apresentado primeiro à família do outro e mais uma série de detalhes que culminariam com o início do planejamento para o casamento. Combinaram que pensariam em datas para

a união oficial quando completassem um ano de namoro, se tudo corresse bem.

– E vai correr. – Falaram os dois ao mesmo tempo e se abraçaram fortemente.

– Eu te amo Hevelyn. – Falou Reinaldo.

– Hevelyn! Gritou Sophia empurrando nervosamente seu parceiro para longe. – Quem é essa tal de Hevelyn?

– É uma pessoa que fez parte do meu passado de uma maneira muito especial e você me lembra muito ela. – Falou Reinaldo.

– Então você está comigo porque eu lembro outra pessoa. Estou fora! Esqueça nossos planos, esqueça que me conheceu. – Gritou Sophia.

– Por tudo que representamos um para o outro nessa semana você precisa me escutar, posso explicar tudo. – Afirmou Reinaldo em tom quase solene. – Depois faça o que julgar mais adequado.

A jovem consentiu.

Reinaldo contou tudo que vivera com Hevelyn e a situação pela qual a garota estava passando.

– Na época eu tinha 14 anos. – Continuou Reinaldo. – Hoje eu tenho 42 e você tem 27. São 15 anos de diferença. Jamais senti com outra mulher o mesmo que sentia estando junto com Hevelyn e agora com você.

– Certo. – Falou a jovem com ar bem sério. – Onde você quer chegar com isso?

Reinaldo respirou fundo e começou. – Acredito que você seja a reencarnação da Hevelyn.

– A jovem mudou a expressão facial na mesma hora. – Eu sou a Sophia, se não sou o bastante pra você, então está tudo acabado. Não quero mais te ver. Nunca mais. Procure outra que concorde em ser a continuação dessa tal de Hevelyn. Eu não serei!

Ditas estas palavras, Sophia partiu. Reinaldo ficou perplexo. Quando encontrara as mesmas

emoções que sentira com Hevelyn, colocara tudo a perder por falar demais.

CAPÍTULO 17

Reinaldo voltou ao Brasil e às suas atividades normais. Sempre tentava contato com Sophia, mas nunca obtivera êxito. Pensou várias vezes em ir até a casa onde ela morava com a mãe e tentar um diálogo, mas sempre a coragem mostrava-se insuficiente.

Já passava das dezoito horas de uma sexta-feira quando o celular do doutor toca insistentemente. Ele atendeu, embora desconhecesse o número.

– Boa noite doutor Reinaldo. – Falava a voz do outro lado. Sou a Dr^a. Héliida, mãe de Sophia, preciso falar urgentemente com o senhor.

– Sim. Pode falar. – Respondeu.

Héliida continuou. – Não é tão simples doutor. Preciso vê-lo pessoalmente, de preferência amanhã bem cedo aqui em minha casa. Tenho certeza que se trata de assunto de seu máximo interesse.

– Ok. – Concordou Reinaldo. – Pego um avião e estarei em sua casa pela manhã.

Dito e feito. Na manhã seguinte Reinaldo batia à porta da Doutora Héliida.

– Muito prazer doutor – Falou Héliida em tom formalíssimo. – Preciso tratar com o senhor de um assunto muito sério.

– Sim Dr^a., sei do que se trata. – Respondeu tentando ser suave.

– Não Dr., o senhor sequer imagina. Nem seu doutorado na melhor universidade norte americana, nem tampouco sua vasta experiência em pesquisas sobre a consciência humana seria capaz de adiantar-lhe o assunto que tenho para tratar com contigo.

– É sobre a sua filha. – Afirmou Reinaldo em tom definitivo.

– De certo modo ela está envolvida – Explicava a psicóloga. – Mas é apenas parte do enredo.

– Não há com que se preocupar Dr^a, já me distanciei dela. – Finalizou o médico. – Mas, de qualquer forma, foi um prazer conhecê-la. Já li sobre seus trabalhos e achei fascinante.

Terminada a frase o médico já estendia a mão para cumprimentar a cientista. Fácil, rápido, formal e definitivo. Como deve ser uma conversa com a mãe de alguém que seria sua esposa, mas que o destino ou alguma força maior tratou de distanciar.

– Não doutor. – Falou Héliida com a firmeza de uma rainha absolutista. – Sente-se, ainda temos muito que conversar. Sei que o senhor é um homem ocupado. Também sou uma mulher ocupada, mas nós dois sabemos que um assunto dessa importância é como um monstro abitando a nossa mente. Ou você confronta esse monstro até derrotá-lo ou ele te domina lentamente até restar apenas um grande e escuro vazio.

O médico sentou-se enquanto a mulher falava. Sabia que seus dizeres tinham embasamento científico. Um assunto dessa proporção emocional pode desequilibrar completamente um ser humano. Mas confiava em sua capacidade e acreditava que colocando uma pedra sobre esse assunto poderia dedicar novamente sua vida à ciência e voltar a ser feliz como fora antes.

– Vamos começar pela pergunta mais trivial neste tipo de diálogo. O que o senhor sente pela minha filha?

– Olha doutora, em respeito à sua formação e seu trabalho em prol da ciência e também entendendo o seu papel de mãe, sinto-me forçado a expor os fatos na íntegra. Na adolescência eu conheci uma jovem, ela era filha dos vizinhos e seu nome era Hevelyn. Nós conversávamos muito e com o tempo percebi que a amava. Era um amor tão forte e singular como eu nunca havia sentido antes.

– Correto – respondeu a psicóloga. – Mas ela morreu antes que vocês se casassem.

– Errado. – Explicava o médico. – Ela não morreu. Acredite a senhor ou não, mas Hevelyn já estava morta. Por algum motivo desconhecido eu a via e falava com ela e assim tive a oportunidade de ajudá-la a resolver um problema de família. Isto de alguma forma a libertou e ela partiu. Hevelyn despertou em mim a paixão pela Psicologia e sua partida me levou a pesquisar a consciência humana e também o que acontece com ela após a morte.

– Então o senhor espera que eu acredite nessa história?

– Não senhora. Prefiro que desacredite, mas é real pra mim e faz parte do que sou.

– Entendo. E você nunca mais amou alguém.
– Afirmou Hélida.

– Me relacionei com outras pessoas, casei sete vezes, mas nada que se parecesse com aquele sentimento.

– Sua história é muito estranha. – Criticou a doutora. – Mas não é ela que está em pauta. Sophia sempre foi uma criança madura demais para sua idade. Desde cedo tinha opinião formada sobre os assuntos cotidianos de uma maneira incomum para faixa etária.

– Ainda hoje ela é um prodígio. – Completou Reinaldo.

A doutora continuou. – Ainda na infância ela começou a ter sonhos recorrentes com um garoto. Lançando mão de um recurso bastante usado coloquei minha filha para fazer aulas de desenho. Através das artes plásticas ela poderia exteriorizar seu problema de modo que eu pudesse ajudá-la efetivamente.

– Bastante perspicaz. – Acrescentou o médico.

– Então. – Falou a psicóloga. – Certo dia ela pintou este quadro e falou que era esse o garoto dos seus sonhos.

O quadro estava colocado em um cavalete na sala e coberto com uma espécie de lençol.

O discurso continuou. – Ela me disse que um dia encontraria esse garoto e se casaria com ele. Quando adolescente trouxe até mim seu primeiro namorado. Mas ele não se parecia com o garoto do quadro. Sophia então me explicou que encontraria este garoto um dia e se casaria com ele, mas que isso iria demorar um pouco e ela deveria viver as experiências inerentes à sua idade.

– Uma análise bastante madura. – Observou Reinaldo.

– Sim doutor. – Continuou a psicóloga. – Ela viveu as experiências que julgou necessárias. Teve alguns namorados, muitos para meu gosto, e um determinado dia me ligou dizendo que havia achado

aquele garoto do quadro. Confesso que fiquei bastante contrariada quando ela me falou o seu nome. Jamais gostei de suas teorias e sempre me antipatizei pela sua pessoa.

– Admiro sua sinceridade. – Exclamou o médico.

Hélida continuou. – Não encontrei, ainda, uma explicação lógica para isso, mas o fato é que busquei uma foto sua da adolescência e me surpreendi com o resultado.

Dito isso, a psicóloga remove o tecido que cobria o quadro feito por Sophia e a foto de Reinaldo. O quadro era uma reprodução exata da foto.

– Surpreendente! – Falou o médico, tendo agora mais um motivo para acreditar que Sophia era a reencarnação de Hevelyn.

– Não sei por quê. – Recomeçou a doutora. – E acredite, eu não gosto nem um pouco disso, mas minha filha te procurou a vida toda. Ela estava feliz

quando vocês estavam juntos e agora está triste e trancada no quarto. Mais forte que a antipatia que sinto pelo senhor e pelo seu trabalho é o amor que sinto por Sophia. Deste modo, eu quero que volte para a vida de minha filha e traga o sorriso novamente para aquele rostinho lindo que ela tem.

Acabado o discurso, Héliida foi até o quarto e chamou a filha. Voltou para a sala, pegou sua bolsa no sofá. – Se a fizer sofrer desejará ter morrido antes de me conhecer. – Dito isto, apanhou a chave do carro e saiu.

A jovem chegou à sala um pouco desconcertada.

– Quero ficar com você Sophia, porque me sinto bem quando estou contigo, porque seu sorriso me faz feliz e porque o brilho dos teus olhos aquece a minha alma. – Falou Reinaldo emocionado.

Sophia não falou uma só palavra. Apenas sorriu e se atirou nos braços dele. E nessa hora ele

pode entender de fato que, quando tudo de concreto padecer e não fizer mais sentido, restarão apenas os sentimentos. São eles que levaremos para onde formos e talvez eles, mais que um nome ou um corpo, possam definir quem somos.

E-book patrocinado



Instituto Saber

**Pós-graduação e
Complementação EAD**

**Publicação de Artigos
Científicos e Livros**

www.isciweb.com.br

Hevelyn

Após a separação de seus pais, Reinaldo vai morar com seu pai, o Capitão Fontes, em uma vila militar. Totalmente contrariado com a situação que está vivendo, o menino acaba conhecendo Hevelyn, a garota triste que mora no apartamento ao lado.

Aos poucos, Hevelyn e Reinaldo descobrem o amor mais intenso que sentiriam em suas vidas e uma barreira aparentemente intransponível entre os dois.



978-85-68669-05-1

M. Júnior

Filho de um lavrador e uma professora, herdou da mãe o interesse pelo estudo e a paixão pela literatura. Tal paixão somada a uma imaginação fértil criou o ambiente perfeito para o surgimento de personagens e histórias que aos poucos vão se materializando em forma de romances e peças de teatro.

Licenciado em Letras, Especialista em Docência do Ensino Superior e Linguística. Psicanalista.

Léo Ricardo
(ilustrador)

Ator e Diretor Teatral, Psicanalista e Hipnoterapeuta. Dedicou-se também ao desenho e à ilustração. Acredita que a cultura é o patrimônio mais importante de um povo.

No romance Hevelyn o autor define o amor como algo presente na essência humana. Ao longo da trama vai caracterizando tudo o que conhecemos como concreto e até mesmo o corpo, a memória e o tempo como meros coadjuvantes frente ao mais nobre dos sentimentos.

Prf^ª. Luzinete S. M.
Ms. em Ciências da Educação.
Psicanalista e Psicopedagoga Clínica e Institucional.